



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

RÔMULO MONTEIRO GUIMARÃES JÚNIOR

**O JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO CEARENSE: ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE A REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA E AS
DEMAIS REGIÕES DO ESTADO**

FORTALEZA (CE)
2012

RÔMULO MONTEIRO GUIMARÃES JÚNIOR

**O JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO CEARENSE: ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE A REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA E AS
DEMAIS REGIÕES DO ESTADO**

Monografia apresentada ao corpo docente do curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará - UFC como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia, sob orientação do profº. Dr. Antônio Lisboa Teles da Rosa

**FORTALEZA-CEARÁ
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

-
- G978j Guimarães Júnior, Rômulo Monteiro.
 O jovem no mercado de trabalho cearense: análise comparativa entre a região metropolitana de Fortaleza e as demais regiões do Estado / Rômulo Monteiro Guimarães Júnior. – 2012.
 60 f.; il.; enc.; 30 cm.
- Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2012.
 Orientação: Prof. Dr. Antônio Lisboa Teles da Rosa.

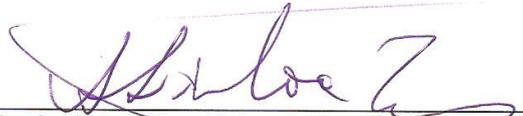
1.Mercado de trabalho – Ceará 2. Jovens - emprego I. Título.

**O JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO CEARENSE: ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE A REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA E AS
DEMAIS REGIÕES DO ESTADO**

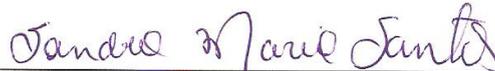
Monografia apresentada ao corpo docente do curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará - UFC como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia, sob orientação do prof. Dr. Antônio Lisboa Teles da Rosa

Aprovada em 28 / 09 / 2012.

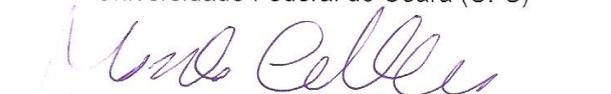
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Lisboa Teles da Rosa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Dra. Sandra Maria dos Santos
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dr. Marcelo de Castro Callado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo

O presente estudo procurou mostrar o retrato da colocação do jovem cearense no mercado de trabalho formal distribuídos nas mesorregiões do Estado do Ceará, fazendo uma comparação da oferta de trabalho e o nível de ocupação desse jovem na mesorregião metropolitana da capital Fortaleza e do conjunto de mesorregiões do interior do Estado do Ceará. Observamos com isso que o crescimento populacional juvenil aumenta a necessidade de novas oportunidades de postos de trabalho para absorver a entrada dos jovens trabalhadores na população economicamente ativa. Esse estudo se justificou por apresentar a evolução dessa inserção dos jovens na faixa etária entre 18 e 29 anos. O objetivo do estudo foi analisar e comparar os setores econômicos, além de verificar o efeito da segregação do jovem comparado ao não jovem. A pesquisa foi do tipo exploratório descritiva com abordagem quantitativa da análise dos dados coletados na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) dos anos de 2000, 2005 e 2010. Concluímos que o estudo mostrou uma evolução do emprego formal do jovem no estado do Ceará e que o índice de dissimilaridade calculado é baixo, o que fundamenta o aumento do emprego juvenil no Ceará.

Palavras-chave: Jovem; Mercado de trabalho formal; Oferta de trabalho; Setores econômicos.

Abstract

The present study sought to show the picture of the placement of young Ceara in the formal labor market distributed in the regions of the State of Ceará, making a comparison of labor supply and the level of occupation of this young man in the middle region of the capital metropolitan Fortaleza and the set of the meso the State of Ceará. We note with what the youth population growth increases the need for new job opportunities to absorb the entry of young workers in the economically active population. This study was justified by presenting the evolution of this integration of young people aged between 18 and 29 years. The aim of this study was to analyze and compare the economic sectors in addition to investigating the effect of segregation compared to the young girl did not. The research was an exploratory descriptive quantitative approach to analysis of data collected in the Annual Social Information (RAIS) for the years 2000, 2005 and 2010. We conclude that the study showed a trend of young people in formal employment in the state of Ceara and the dissimilarity index calculated is low, which underlies the increase in youth employment in Ceara.

Keywords: Youth; formal labor market, offer work; economic sectors.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1	O jovem.....	11
2.2	A emancipação do Jovem na economia.....	13
2.3	Custo de oportunidade do jovem: escolher ganhar mais (qualificação) ou menos	14
2.4	O Jovem e o mercado de trabalho.....	19
2.5	O Jovem e o Mercado de trabalho cearense.....	20
2.6	Políticas Públicas: programas.....	21
2.6.1	Primeiro emprego.....	23
2.6.2	Projovem.....	23
2.6.3	Projeto Jovem Aprendiz.....	24
3	METODOLOGIA.....	26
3.1	Tipo de pesquisa.....	26
3.2	Coleta de dados.....	26
3.3	Análise dos dados.....	26
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	29
5	SEGREGAÇÃO.....	39
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
8	ANEXOS.....	54

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, muito se tem feito para incentivar e promover a inclusão do jovem no tão concorrido mercado de trabalho, principalmente nos casos em que o jovem busca o primeiro emprego.

Pode-se imaginar como é difícil para o jovem sem experiência trabalhista obter espaço no mercado de trabalho e conseguir o seu primeiro emprego. Diante dessa problemática o Estado vem desenvolvendo projetos de inclusão para o jovem no mercado de trabalho, com o objetivo de reduzir as barreiras e encurtar a distância a uma nova oferta de classe trabalhadora, que vem crescendo nas últimas décadas e que se encontra sem grandes oportunidades.

Diante do quadro de altas taxas de desemprego juvenil e da precariedade das ocupações produtivas atualmente disponíveis aos jovens, as políticas de juventude se vêem diante de duas opções no que se refere ao trabalho. A primeira é preparar o jovem para fazer a transição, procurando facilitar sua contratação e oferecer-lhe melhores oportunidades de trabalho. A segunda é, ao contrário, prolongar sua escolarização, o que eventualmente redundará em desincentivar sua entrada no mercado de trabalho. Como se verá, no Brasil, já há políticas federais importantes que procuram combinar os dois enfoques. Um terceiro tipo de intervenção é aquele que visa regulamentar a participação dos jovens no mercado de trabalho e conciliá-la com a continuidade dos estudos (GONZALEZ, 2009, p 120).

Observa-se que a perspectiva para o primeiro emprego se estabelece na grande maioria dos adolescentes antes mesmo de terminarem o ensino médio, seja por prioridade de independência econômica, seja por necessidade financeira ou por planejamento de vida. Visto isto, ao longo dos anos percebe-se o esforço do Estado em estabelecer e desenvolver projetos de apoio e inserção destes jovens no mercado de trabalho para conseguir seu primeiro emprego.

Tais esforços se estabelecem em oferecer ao jovem, cursos técnicos profissionalizantes ou ainda incentivos fiscais para as empresas que oferecem a oportunidade do primeiro emprego.

Pode-se perceber que as empresas por sua vez estabelecem um perfil do jovem que ocupará pela primeira vez um posto de trabalho, exercendo seu potencial teórico desenvolvido em cursos de capacitação ou ainda sendo treinado para exercer sua função. Acredita-se que a qualificação deste jovem, determinará a permanência e um bom posicionamento no tão concorrido mercado de trabalho.

Observa-se que o Estado, por meio de políticas públicas, tem sido o maior incentivador junto às empresas pública e privada visando uma parceria que possa promover a inclusão dos jovens brasileiros neste segmento da sociedade.

Identifica-se fatores que os jovens enfrentam na busca de sua emancipação econômica, como: idade, gênero, escolaridade, capacitação, experiência, etc. Talvez sendo esta última a que desempenha papel de maior destaque para a inserção do mesmo no tão sonhado mercado de trabalho.

Camarano et al (2001, p. 39) destacam que:

Configurado o caráter estrutural do desemprego e a demanda por maior qualificação da força de trabalho no novo modelo de regulação econômica, a existência de um amplo contingente de jovens, que poderão vir a não usufruir de uma vida laboral perene e com isso não construir as condições de acumulação necessárias para a manutenção de seu padrão de vida na inatividade (em idade avançada), pode implicar a necessidade de crescentes despesas com políticas sociais para o contingente marginalizado da sociedade.

Observa-se que nos últimos anos o emprego no Brasil vem sendo cada vez mais discutido na nossa sociedade. Para tanto basta folhear uma revista ou jornal ou até mesmo acessar sítios na internet. Isso tudo por termos nossa economia atrelada ao crescimento econômico do nosso país e aos investimentos do capital estrangeiro.

Mas não se pode falar de crescimento econômico sem mencionar a importância e situação da empregabilidade no Brasil, que é sempre tema de noticiários e discussões políticas e econômicas.

Poderia ser simples falar sobre emprego, mas na realidade não é, já que se têm inúmeras variáveis para definir a empregabilidade em alguns setores da economia. Uma dessas variáveis que se pode destacar é a escolaridade, que pode definir o cargo e o nível hierárquico que o trabalhador irá ocupar em determinada empresa. Como apontaram Gemelli e Carvalhal (2006, p.96):

A atual desregulamentação do mercado de trabalho faz com que a grande maioria dos jovens se preocupe com o futuro profissional, ou seja, verificamos como as exigências apontadas pelo mercado de trabalho para se conseguir emprego como altos níveis de escolaridade e qualificação profissional têm exercido forte influência em grande parte dos jovens que estão em busca do primeiro emprego.

Dessa forma se pode perceber que além da escolaridade têm-se uma preocupação com a qualificação profissional para conseguir e se manter empregado. Como destacam Silva e Kassouf (2002, p. 103):

A maior taxa de desemprego nos níveis medianos de escolaridade poderia ser explicada pela maior oferta de trabalho para os jovens com esse nível de escolaridade em relação aos níveis mais avançados. Por outro lado, a seletividade na busca por trabalho dos jovens com nível mediano de escolaridade, em relação aos grupos com menos escolaridade, seria maior, o que pode elevar a duração do desemprego para esse grupo de indivíduos. Os trabalhadores menos qualificados geralmente aceitam a primeira oferta de trabalho, já os indivíduos com um pouco de qualificação podem buscar melhores vagas, o que pode explicar o fato de os jovens com nível de escolaridade médio apresentar taxa de desemprego mais elevada que os menos escolarizados.

A empregabilidade também tem seus dados agregados aos setores produtivos que cada região oferece, pois é deste que se pode situar a posição de cada jovem trabalhador no setor:

Conforme mostram os dados da PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego -, realizada pelo convênio entre o DIEESE¹ e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), (...), o acesso dos jovens às oportunidades de ingresso no mercado de trabalho tem suas limitações, verificando-se padrões de inserção diferenciados em função da idade, sexo, condição econômica da família, bem como a região de domicílio. Assim, as diretrizes e os programas para a inserção ocupacional e formação profissional dos jovens devem levar em consideração as desigualdades de oportunidades segundo atributos pessoais e socioeconômicos deste segmento da população (DIEESE, 2005).

Pode-se observar que cada região pode ou não vir a ser marcada por determinado tipo de setor prevalente. “Quando se considera a taxa de participação dos jovens expressa na parcela da população de 16 a 24 anos efetivamente presente no mercado de trabalho, verifica-se que as áreas do país que apresentam um mercado de trabalho mais dinâmico tendem a uma incorporação mais expressiva dessa parcela da população” (DIEESE, 2005, p. 4).

Como visão sobre o objeto de estudo percebe-se que o jovem tem um perfil que para muitos empregadores não está relacionado ao que o mercado competitivo exige: capacitação e experiência. Neste contexto depara-se com o que viabiliza a escolha de um novo funcionário, pois, acreditar que o jovem seja capaz de suprir a substituição de um funcionário já qualificado é algo que o mercado costuma não aceitar.

1. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE: é uma criação do movimento sindical brasileiro. Foi fundado em 1955 para desenvolver pesquisas que fundamentassem as reivindicações dos trabalhadores. Visando ao aprofundamento de estudos relacionados a seus eixos temáticos, além dos trabalhos regularmente desenvolvidos para o movimento sindical, o DIEESE realiza projetos em parceria com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil, nacionais e internacionais.

Neste caso surge o dilema que todo jovem enfrenta, como disputar uma vaga no mercado de trabalho com tanta exigência?

Essa capacitação e a experiência exigida pelas empresas ecoam como fator limitante, já que as empresas supostamente não querem “perder tempo com jovens inexperientes e sem qualificação”, visto que, o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo, forçando assim as empresas a terem em seu quadro profissional trabalhadores com bom e alto nível de qualificação.

Na atual conjuntura do mercado de trabalho, os agentes econômicos estão exigindo um novo tipo de profissional. A transição do perfil deste novo profissional e as adequações a que o mercado o submete estão sendo objeto de análise e transformações no mercado de trabalho.

Considerando que os movimentos econômicos exigem novas estruturas organizacionais e estas por sua vez novas transições no modelo relação empresa e empregado, pode-se entender que caminhamos para melhorar o nível de desenvolvimento da economia.

Por sua vez empresas e empregados lutam por uma melhor colocação e exigem retornos imediatos que justifiquem seus investimentos. Em contrapartida efeitos positivos poderão ser vistos com especificidades apresentadas por novos profissionais.

Vivencia-se no Brasil, assim como em nosso Estado, uma fase de reposicionamento dos futuros profissionais e a provável inviabilidade de algumas economias justifica o atraso e a lacuna existente entre empresa e empregado.

Espera-se ver em breve que essa evolução possa refletir em nossa sociedade um novo modelo de investimento e crescimento sustentável baseado numa pirâmide governo, universidades e empresas. Com isso pode-se formar uma base fundamental aonde os jovens venham a ser objeto de destaque e empreendedorismo.

Ainda longe de obterem-se tais resultados, depara-se com a realidade local, o que se pode perceber é uma lacuna a ser preenchida com políticas públicas sustentadas pelos governos locais, as quais vêm sendo alvo de incremento do jovem no mercado de trabalho.

Desta forma esse estudo se justifica por apresentar a do emprego formal dos jovens nos setores econômicos do Estado do Ceará analisando e comparando desta forma sob a ótica da oferta de trabalho o nível de ocupação do jovem na

mesorregião metropolitana da capital Fortaleza e do conjunto de mesorregiões do interior do Estado do Ceará.

O estudo se justifica ainda pela a importância de conhecer os dados estatísticos com relação ao jovem entre a faixa etária de 18 e 29 anos inseridos em cada setor e como os mesmos estão distribuídos em cada mesorregião do Estado, que se apresentam num total de sete mesorregiões destacando os setores com maior importância para a empregabilidade dos mesmos.

Visto isso, quais os setores das regiões mais propensos a empregar os jovens no Estado do Ceará?

Esse trabalho tem como objetivo analisar a inclusão do jovem no mercado de trabalho da mesorregião metropolitana de Fortaleza em comparação com as mesorregiões do interior no Estado do Ceará nos períodos de 2000, 2005 e 2010.

Tem-se os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar onde os jovens na faixa etária entre 18 e 29 anos estão inseridos nos setores econômicos da mesorregião metropolitana de Fortaleza e das mesorregiões no Estado do Ceará.
2. Analisar os setores com maior representatividade do trabalhador jovem na mesorregião metropolitana de Fortaleza e nas demais mesorregiões do Estado do Ceará ao final de cada período da análise.
3. Verificar o efeito de segregação da inserção dos jovens no mercado de trabalho da cidade de Fortaleza em 2010 e no Estado do Ceará nos anos de 2000, 2005 e 2010.

O trabalho está estruturado em seções. Na introdução tem-se uma breve visão sobre o objeto de estudo, na segunda seção a revisão de literatura discorrendo sobre o jovem, na terceira seção se apresenta a metodologia do trabalho, na quarta seção tem-se os dados e discussão dos resultados, na quinta seção tem-se a segregação, na sexta seção apresenta-se as considerações finais, a seguir as referências e anexo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O Jovem

Não se pode discutir o jovem no mercado de trabalho sem antes definir o que é jovem e sua condição juvenil na sociedade. Pode parecer fácil do ponto de vista cronológico definir o jovem, mas também se entender que o jovem deve ser estudado inserido num contexto histórico e cultural.

Uma das convenções da concepção de jovem mais correntes no Brasil é a da Organização das Nações Unidas (ONU), pois está presente em muitas das ações e em estudos relacionados ao segmento. O jovem é a pessoa entre 15 e 24 anos nessa convenção, pois seria nesse período de vida que se alcança a maturação biológica, psicológica e social que permite uma completa condição de compartilhar das relações sociais do mundo adulto (CARVALHO, 2004).

Além do contexto histórico, cultural e da complexidade de definir o jovem, Dayrell e Gomes (2012) destacam:

Mas o que é ser jovem? Partimos da idéia que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida. De maneira geral, podemos dizer que a entrada da juventude se faz pela fase que chamamos de adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. É nesta fase que fisicamente se adquire o poder de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de auto-suficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.

Ser jovem não se limita apenas a uma condição natural do ser humano, uma transição de criança para a vida adulta. Neste período de vida, o jovem entra numa fase de caracterização e formação de identidade, que por sua vez definem a estrutura psicológica e ética do ser humano. Como define Brito (2006, p. 24):

A contextualização da juventude é fundamental, considerando que o processo de formação nos dias atuais se vê diante de fatores de ordens diferentes: a instantaneidade temporal provocada pela velocidade tecnológica, que acarreta certa superficialidade na aquisição de conhecimentos, a cultura do consumo, geradora de múltiplas necessidades rapidamente descartáveis, o quadro recessivo, que amplia a exclusão social, associado à pulverização das relações coletivas, levando à individualização e ao desinteresse na esfera pública e política. A partir desse panorama, ocorre o desmapeamento, ou seja, a perda de referenciais que se configuram, como efeito, significando a fragilidade diante da vulnerabilidade das referências e dos laços socioculturais.

É neste momento que o jovem vai transcender os espaços que antes eram considerados sua área de conforto, como escola, universidade e o próprio ambiente familiar, em que ele encontra-se rodeado por amigos e familiares. Ele vai conviver em um espaço diferente, já que ele terá que conviver com organização, hierarquia, horários, etc. Desta forma pode-se perceber que o jovem empregado terá que se adaptar a uma nova fase em sua vida.

Dentre os(as) jovens, além da diferenciação por faixa etária, pode-se categorizá-los(as) com base nas condições materiais e psicossociais que possuem para se desenvolver no mundo sociolaboral. Pouco tem se discutido sobre as escolhas iniciais e a construção das trajetórias de vida no trabalho de jovens que, em função da precariedade de suas condições objetivas e psicossociais, são considerados(as) como vivendo em situação de vulnerabilidade psicossocial, sendo, esta, a justificativa central do presente artigo, ou seja, trazer mais elementos para análise das concepções de juventude e das construções no mundo do trabalho destes(as) jovens, auxiliando a todos que trabalham diretamente com eles(as) a evitar estereótipos e concepções generalizadoras acerca dos(as) mesmos(as) (RIBEIRO, 2011, p. 59).

O fato de se estar diante de um processo de contração da população jovem não reduz a importância numérica que tem hoje este grupo populacional. Até que a transição demográfica se complete, há motivos de sobra para que se foque a atenção sobre as questões que afetam e mobilizam os jovens. Ademais, as condições sociais do presente certamente terão impacto sobre a fase seguinte da transição (ANDRADE, 2008, p. 25).

Pode-se observar que ao longo das últimas décadas a população jovem mundial aumentou, esse crescimento caminhou paralelamente com fases de recessão na economia local e diminuição de oferta de emprego.

Chegamos ao final da primeira década do século XXI em condições distintas das do final do século XX. Na década de 1990, o aumento significativo da população jovem – a chamada “onda jovem” – tornou-se um fenômeno socialmente problemático, pois acompanhou uma economia em retração desde 1980, o que resultava em uma significativa diminuição das oportunidades de trabalho (MATTHEUS, 2011, p. 47).

Observa-se que o crescimento populacional juvenil causa um efeito sobre o nível de emprego gerado pelo aumento de jovens que buscam oportunidade de trabalho. Para Bastos (2006), a velocidade com que os jovens passam a participar da população economicamente ativa (PEA) constitui um dos elementos que pressionam o mercado de trabalho, pois o elevado crescimento populacional necessita de uma maior oferta de emprego da economia.

O deslocamento da força de trabalho juvenil e a alta rotatividade do jovem trabalhador também geram um aumento na demanda por trabalho, refletindo assim, um aumento no nível de desemprego e uma pressão sobre o nível de salários.

O que se pode, portanto, esperar para os jovens do futuro? As tendências demográficas apontam para uma desaceleração no ritmo de crescimento do segmento de jovens, acarretando uma redução da participação deste grupo tanto no total da população quanto na PEA. Poder-se-ia esperar que isto resulte em uma diminuição na taxa de desemprego entre os jovens? Na verdade, não se conhece evidência empírica que associe baixas taxas de crescimento populacional a baixas taxas de desemprego. A maior escolaridade destes jovens lhes garantirá um melhor acesso ao mercado de trabalho, que exige cada vez mais qualificação e experiência? Para um delineamento das prioridades de políticas públicas, o importante para o bem-estar da população, não só de jovens, mas de todas as idades, é que se almeje uma inserção adequada para a população jovem no mundo adulto (CAMARANO, MELO, KANSO, 2009, p. 86).

Neste contexto é que o aumento da população jovem força o aumento pela oferta de novos postos de trabalho, contanto o que observamos é que esse crescimento demográfico esbarrou numa problemática gerada pela falta de estrutura da expansão de emprego na nossa economia.

2.2 A emancipação do jovem na economia

Observa-se que na última década a história do emprego formal no Brasil tem ganhado um novo capítulo, com uma importante redução do desemprego e informalidade no País.

Diante dessa realidade, o mercado formal de trabalho no Estado do Ceará saiu de uma geração de 17 mil empregos, em 2000/2001, para 31 mil, em 2004, alcançando a marca de 41,4 mil novas vagas, em 2008, delineando uma tendência contínua de crescimento, o que resultou em estoques de empregos consistentemente crescentes. Embora tenha havido crescimento significativo do estoque de emprego e intensificação da formalização dos vínculos trabalhistas, ainda há um hiato muito grande entre a expansão do mercado de trabalho e o ritmo de crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) estadual, estimada em 4,1 milhões de trabalhadores, dos quais, 285,7 mil são desempregados, segundo a PNAD 2007.(COSTA, 2009, p. 10).

Vivencia-se a juventude como uma fase de transição para a vida adulta, objetivando a construção dos sonhos, que em sua grande maioria, dependem de um poder aquisitivo ou ao menos uma estabilidade financeira. O que não se imagina é que a realidade confronta os sonhos através das dificuldades de um acirrado

mercado de trabalho, que está cada vez mais competitivo, impondo, desta forma uma melhor qualificação do jovem candidato.

O compromisso que o jovem faz com o seu emprego, a princípio pode caracterizar um compromisso para sua liberdade financeira, em que ele estabelece plano de metas a serem alcançados, como por exemplo: independência financeira ou pelo menos a princípio, ter o próprio dinheiro e fazer com ele aquilo que os pais já não conseguiam mais fazer, por priorizar, é claro, as despesas normais de uma família.

Vale ressaltar que a “independência financeira” destaca-se não apenas no ambiente familiar, mas também na sociedade e cultura em que o jovem está inserido. Nota-se isso claramente na cultura norte americana, que espera que o jovem logo ao sair do colégio tenha essa independência dos pais, sendo conseguindo um emprego e ir morar sozinho ou ainda quando ele irá cursar alguma faculdade.

A construção da identidade do jovem como um adulto responsável, capaz de autogerir sua própria vida, seu sustento, suas relações familiares, emotivas, passa pela independência financeira proporcionada pelo trabalho e pelo reconhecimento adquirido através do mesmo. O jovem ao buscar “ingresso no mundo adulto,” sente a necessidade de afirmar-se como um ser capaz de governar a própria vida, sendo o trabalho uma das formas que mais possibilita essa autonomia. Contudo, a não inserção no mundo de trabalho, pode trazer conseqüências graves para os jovens, que se tornam vulneráveis e impotentes na reprodução da vida material e sobretudo na criação de perspectivas favoráveis de futuro (SILVA; COSTA; 2005; p. 28/29).

As mudanças socioeconômicas em que a sociedade atual vivencia são fatores determinantes para modificar o padrão social das famílias. Além da mudança de comportamento, das necessidades e da formação dos novos jovens, o ponto fundamental para a emancipação do jovem talvez tenha sido a situação econômica em que as famílias vivem e que os fazem antecipar a entrada no mercado de trabalho.

2.3 Custo de oportunidade do jovem: escolher ganhar mais (qualificação) ou menos

Em muitos aspectos o jovem está envolto em muitos dilemas, pois vivencia uma fase de escolhas, dúvidas e incertezas. Isso não seria diferente com

sua carreira profissional, pois antes mesmo de iniciar uma carreira, o jovem vivencia a escolha de se lançar no mercado de trabalho ou buscar uma melhor qualificação. Muitas vezes esta qualificação deverá ser subsidiada pelo próprio jovem.

Para muitos jovens, é seu próprio trabalho que lhes possibilita arcar com os custos vinculados à educação. Para muitos também, especialmente os integrantes das camadas populares, os baixos níveis de renda e capacidade de consumo da família redundam na necessidade do seu trabalho como condição de sobrevivência familiar (ANDRADE, 2008. p.28). Desta forma, impossibilitando de imediato alcançar uma qualificação ou busca de uma carreira promissora para o mesmo.

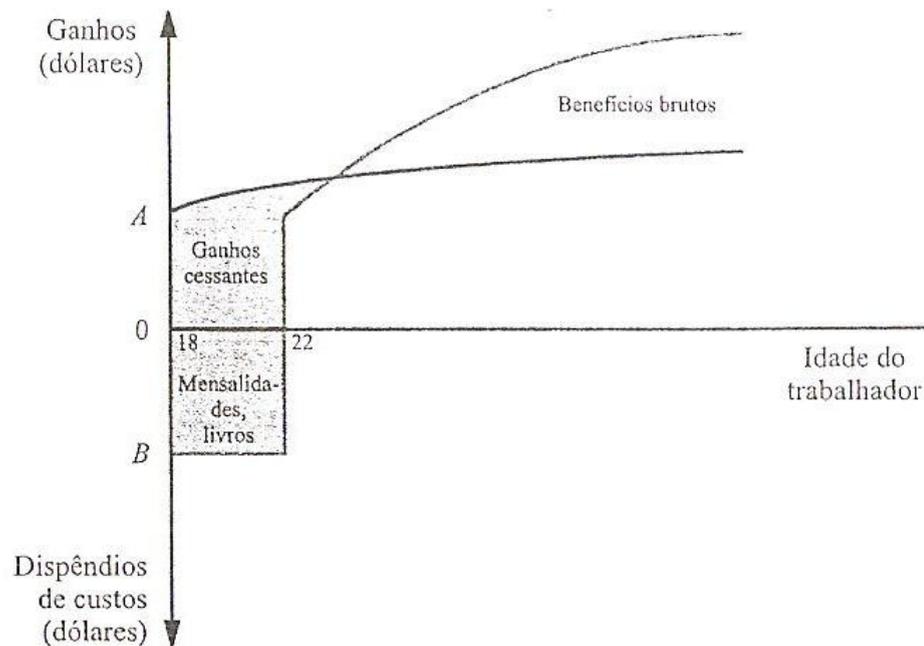
Ehrenberg e Smith (2000) cita que “a educação e a profissionalização são alguns dos investimentos que o jovem precisa obter para reduzir as incertezas de sua inexperiência e que também possa melhorar as perspectivas de um futuro melhor.”

Pode-se entender que o jovem ao investir em capital humano, está incorporando uma série de habilidades e conhecimentos técnicos que qualificará melhor suas condições de concorrer a um melhor posto de trabalho.

O adiamento do ingresso dos jovens adolescentes no mundo do trabalho, a princípio, pode ser considerado um fato positivo. Um grande número de pesquisadores e gestores argumenta justamente que é fundamental postergar a entrada no mercado de trabalho para permitir a estes jovens, sobretudo, a permanência na escola e a aquisição de diplomas escolares de nível mais alto, com vistas à obtenção de melhores postos de trabalho, tanto em termos de remuneração como de possibilidade de realização pessoal (...) Muitos jovens terminam efetivamente por abandonar os estudos, com escolaridade ainda muito baixa, o que lhes subtrai um importante requisito para pleitear melhores empregos (ANDRADE, 2008, p. 27).

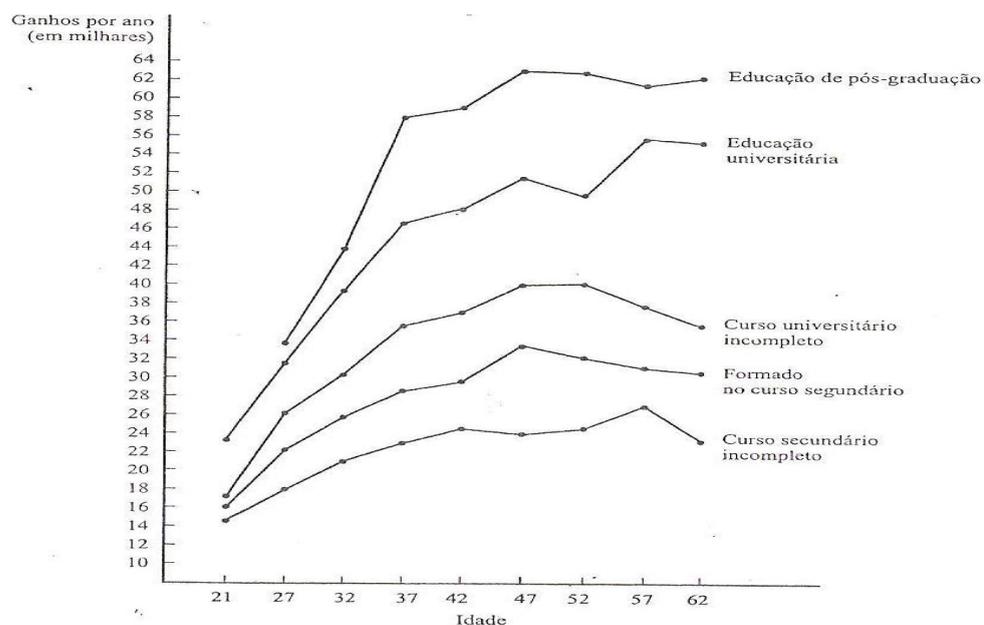
Espera-se que esse jovem ao optar por passar mais tempo estudando tenha maiores custos com despesas de mensalidades, livros, transportes, alimentação e até perdas psicológicas devido ao esforço dos estudos, mas que no decorrer de sua vida laboral ele alcance melhores retornos de seu investimento em tempo e qualificação durante sua juventude. Como se vê no gráfico 1 de fluxo de ganhos de um aluno de 2º grau e um aluno bacharel universitário.

Gráfico 1



Correntes alternativas de ganhos.

EHRENBERG e SMITH (2000, p. 323), destacam que vale a pena o jovem gastar um pouco mais de tempo aumentando seu capital humano, pois, a proporção que o indivíduo aumenta seus conhecimentos técnicos, esses trabalhadores com maior nível educacional terão maiores salários durante sua vida laboral, como vemos no gráfico abaixo quanto maior o nível educacional maiores serão o retorno em salário.



Ganhos monetários (médios) para trabalhadores homens de tempo integral por todo o ano, 1990.

Fonte: U.S. Bureau of the Census. *Money Income of Households, Families, and Persons in The United States, 1990*, Relatório da População Atual, Série P-60, nº 174 (agosto de 1991), Tabela 30,

Pode-se entender que a educação é um bom investimento para as pessoas, tendo em vista que investir em capital humano pode trazer retornos crescentes de salário. Mas, é possível haver situações em que pessoas com menor capital humano tenham aptidões que as diferenciem e gerem mais renda.

Em relação à composição da força de trabalho por escolaridade, há indícios de que houve algum viés favorável à demanda por mão-de-obra qualificada nos últimos anos: o grupo de trabalhadores com 11 ou mais anos de estudo completos foi o que mais cresceu no contingente de ocupados, com uma variação um pouco acima de 60%, na comparação entre valores de 2001 e 2007. Em contrapartida, os trabalhadores menos escolarizados vêm perdendo espaço no total de ocupados – a queda para aqueles com escolaridade inferior a 4 anos completos de estudos foi superior a 20%. (RAMOS, CAVALERI, FURTADO, 2008, p. 10).

O jovem passa mais tempo estudando durante a sua juventude, já que seus ganhos aumentarão proporcionalmente ao nível de educação. Desse ponto de vista, pode-se entender que a educação é um bom investimento. “... Sabe-se que existe um prêmio salarial associado à maior escolaridade do trabalhador, ou seja, espera-se que o salário de um trabalhador aumente na medida em que aumenta o seu nível de qualificação” (DE NEGRI et al, p. 39).

Andrade (2008) apud Castro e Aquino, isso não quer dizer que maior escolarização garanta automaticamente aos jovens o ingresso em bons postos de trabalho, pois o incremento na oferta de mão-de-obra qualificada não segue necessariamente o mesmo ritmo do aumento na demanda por profissionais qualificados.

Mas acredita-se que nem todo jovem tem essa oportunidade de aumentar o seu nível de formação, as barreiras sociais segregam e limitam o crescimento desse jovem. As políticas de incentivo a educação tentam reduzir essa segregação aumentando as oportunidades de estudo dos jovens que possuem uma menor condição financeira.

A inserção da juventude no mercado de trabalho também deve ser monitorada porque, em geral, esse grupo é o que apresenta maiores taxas de desemprego e de informalidade e menores níveis de rendimento que os adultos, mesmo com escolaridade mais elevada. Também por essas razões é fundamental a existência de políticas públicas voltadas aos jovens, elaboradas sob um ponto de vista que lhes veja como cidadãos portadores de direitos e que precisam de oportunidades de qualificação e de inserção no mercado de trabalho para sua adequada inclusão social (CEPAL/PNUD/OIT, 2008, p. 60).

As expectativas do jovem trabalhador podem esbarrar no nível de exigência das empresas por qualificação profissional. Dessa forma força o estado a investir mais em educação e cursos técnico-profissionalizantes, já que a força da economia está atrelada não apenas as ofertas de emprego, mas também a sua demanda. Com isso deve-se relacionar se o nosso trabalhador está preparado para o avanço na tecnologia adotado para essa empresa, caso contrário a empresa não “perderá tempo” treinando esse trabalhador.

Existem vínculos muito fortes entre tecnologia e qualificação da mão de obra. Esses vínculos se estabelecem em vários sentidos – para começar, firmas que utilizam tecnologias mais avançadas tendem a empregar trabalhadores mais qualificados, capazes de entender e operar essas tecnologias; trabalhadores mais qualificados são capazes de melhorar o desempenho tecnológico e competitivo das firmas, contribuindo para o seu potencial criativo; firmas que empregam mão-de-obra mais qualificada têm mais condições de diferenciar e garantir a qualidade dos seus produtos. Por isso mesmo, a escolaridade média dos trabalhadores de uma firma é um indicador importante do seu nível tecnológico (DE NEGRI et al, p. 33)

O nível de tecnologia empregado pelas empresas está cada vez mais avançado, justificando a corrida pelo mercado de capital, pois se este possui uma tecnologia superior a dos seus concorrentes, implicará que ele pode mais facilmente enfrentar e vencer a concorrência.

As novas tecnologias aumentam a procura por mão de obra qualificada, o que pode ser observado por meio da análise das mudanças na composição ocupacional. Na medida em que as empresas aprofundam o uso de tecnologias de informação e comunicação, habilidades até então pouco exploradas – como a capacidade de raciocínio abstrato – passam a ser valorizadas. Isso requer pessoal com maior escolaridade, capaz de aprender a lidar com as novas ferramentas que, aliás, estão sujeitas a mudar continuamente. Esse processo ocorre com intensidades diferentes nos diversos setores econômicos, e é obviamente maior nas empresas tecnologicamente intensivas. Por outro lado, em algumas indústrias e profissões, a difusão tecnológica pode levar a uma redução das qualificações de segmentos importantes da mão-de-obra (CEPAL/PNUD/OIT, p. 103).

Por sua vez, a empresa ao optar por esse jovem com melhor nível de capital humano terá custos com salários mais altos, em contrapartida espera-se que essas empresas consigam uma melhor produtividade devido a essa melhor qualidade de funcionário, além de haver redução nos custos com treinamento dos mesmos.

2.4 O Jovem e o mercado de trabalho

A inatividade na qual o jovem está exposto e a sua decisão de entrar no mercado de trabalho ocasiona um efeito negativo criado pelo aumento da oferta de trabalho e diminui o efeito da oferta de vagas disponíveis de emprego. Com a entrada desse novo contingente de trabalhador na População Economicamente Ativa (PEA), a capacidade do mercado em absorver essa mão-de-obra reduz, o que ocasiona o aumento do desemprego entre esses jovens.

Entre as principais questões relacionadas especificamente ao contingente de jovens na sociedade, salienta-se a transição de uma posição de dependência econômica, social e política para a sua emancipação e assimilação das condições de cidadania. Nesse aspecto, a emancipação econômica, entendida como a passagem de um período do ciclo de vida caracterizado pela inatividade para um período ativo, apresenta, atualmente, novos complicadores, como as mudanças no mundo do trabalho (CAMARANO et al, 2001, p.34).

Silva e Costa (2005, p. 10) destacam que:

Embora o desemprego não fosse um fenômeno restrito a um segmento populacional, mas geral entre a força de trabalho, os jovens foram um dos segmentos que mais sofreram com a ausência de vagas, uma vez que havendo uma grande oferta mão-de-obra, o mercado aumentou os critérios de seleção dos trabalhadores, exigindo experiência profissional daqueles que buscavam inserir-se no mercado formal de trabalho. A consequência foi a elevação do desemprego juvenil e a inserção dos jovens em ocupações precárias, com menores remunerações e garantias trabalhistas.

É possível que a migração do estado de inatividade para o de atividade se dê mais tardiamente por fatores que levam os Jovens a ficarem mais tempo em universidades e centros técnicos com objetivos de aumentar seus conhecimentos. A qualificação é um fator para que esse novo trabalhador seja mais bem inserido nos setores produtivos da economia.

Também é fato que quanto maior a formação, melhores empregos e salários esses jovens terão, e “o aumento da participação desses indivíduos na PEA amenizam os efeitos do desemprego provocados pela alteração na demanda por trabalho qualificado” (PUC-Rio, p. 21).

A inovação tecnológica e o baixo crescimento nos setores produtivos geram impactos no emprego formal da economia, tendo em vista que uma parcela maior da mão-de-obra estará desassistida e poderá buscar outros meios de rendimentos no trabalho informal. A informalidade não será discutida nesse trabalho, mas é um efeito do nível de emprego da sociedade economicamente ativa.

A relação entre o jovem e o mercado de trabalho não é simples, visto que o jovem muitas vezes para conseguir o primeiro emprego enfrenta a dificuldade de não ter experiência anterior, encarando assim a primeira dificuldade imposta pelo mesmo.

É possível identificar outras situações que o mercado impõe ao jovem, como uma qualificação, ou seja, quanto mais qualificado estiver o jovem mais chances ele tem para competir.

É importante conhecer a colocação do jovem no mercado de trabalho e os setores que mais absorvem a sua mão de obra. Com isso se entende melhor sua relação com determinado setor da economia.

Apesar da grande presença na força de trabalho, mais de um quarto dos jovens de 16 a 24 anos enfrenta dificuldades para encontrar trabalho. Em geral, o jovem ocupado é do sexo masculino, possui ensino médio completo, tem dificuldade de conciliar trabalho e estudo, desenvolve suas atividades no setor de serviços, cumpre uma extensa jornada de trabalho (acima de 39 horas em todas as regiões analisadas), é assalariado e tem carteira de trabalho assinada. O rendimento é muito variável, situado entre um e dois salários mínimos (DIEESE, 2006, p. 15).

Observa-se de uma maneira geral as características do jovem trabalhador e como o mesmo está inserido no mercado de trabalho.

... Em algumas regiões, a relação positiva entre aumento populacional e desemprego é mais clara para o grupo de homens de 15-19 anos do que em outras. Além disso, em algumas regiões metropolitanas a inatividade também parece variar com o aumento do desemprego. (...) Já para o grupo 20-24 anos, a relação entre PEA e população parece ser positiva, contrariando, portanto, o comportamento esperado. Entretanto, pode ser que fatores da demanda agregada tenham maior influência sobre a ocupação do que o aumento da oferta de mão-de-obra, fazendo com que a relação entre aumento populacional e ocupação seja positiva (MUNIZ, 2002, p. 91).

Pode-se verificar que as empresas demandam por mão-de-obra definindo qual trabalhador está melhor qualificado para lhe dar retorno de investimento.

2.5. O Jovem e o Mercado de Trabalho Cearense

Configurado o Jovem como a nova força de trabalho, os seus anseios se deparam com o cenário cearense e as limitações dos setores produtivos da Economia local. Alguns aspectos específicos serão apresentados como objeto dessa pesquisa, mas será dado destaque ao crescimento do emprego formal ao longo dos últimos anos nas mesorregiões do estado do Ceará.

Esse crescimento evidencia a necessidade constante de políticas de desenvolvimento e de qualificação profissional tanto no meio rural quanto o urbano que possam atrair investimento e inovações técnicas no trabalho. Segundo Bruno (2005), “a matriz do problema ainda está no baixo grau de escolaridade e na falta de uma qualificação profissional mínima.”

Observa-se que o crescimento da PEA cearense gera uma pressão no mercado de trabalho local, o qual se agrava com o fluxo de urbanização das grandes cidades.

2.6 Políticas públicas: programas

A vulnerabilidade ao qual o Jovem está exposto de se inserir no meio social e na economia, faz com que ele necessite de apoio da sociedade e principalmente do Governo através de políticas públicas que objetivam a sua inserção no mercado de trabalho.

A legislação brasileira proíbe qualquer tipo de trabalho para menores de 14 anos. O trabalho a partir dos 14 anos até os 15 anos é permitido apenas na condição de aprendiz e, entre os 16 anos e 17 anos, desde que não atrapalhe a jornada escolar. Em todos os casos em que a lei admite o trabalho de adolescentes (nunca antes dos 14 anos), este ainda tem de estar circunscrito a outras condições: além de não poder ser realizado no período noturno, em situação de perigo ou de insalubridade, deve ser também uma atividade compatível com o desenvolvimento pessoal, sendo garantidos a estes adolescentes o acesso e a freqüência obrigatória ao ensino regular – nem que para isto a jornada de trabalho tenha de ser adaptada a um horário especial para o exercício destas atividades (SADECK, 2008, p. 31).

O crescimento econômico sustentado é o principal estímulo à maior demanda por mão-de-obra, mas não assegura automaticamente a criação de mais e melhores empregos. “Por isso, devem ser priorizadas as políticas que ajudem a conciliar as estruturas de demanda e de oferta de trabalho, assim como aquelas que apoiem setores que contribuem mais para a geração de trabalho decente” (CEPAL/PNUD/OIT, 2008, p. 11).

O crescimento econômico gerado pelo aumento da produtividade da economia nacional gerou e vem gerando uma onda de bons resultados que proporcionam uma melhor estabilidade financeira do País. Nos últimos anos houve uma evolução no surgimento de novos postos de trabalhos e que para melhorar a

expectativa desses bons resultados, o País precisa continuar gerando novos empregos.

O Brasil registrou, nos últimos anos, melhora expressiva em indicadores importantes do mercado de trabalho, com destaque para o aumento dos níveis de ocupação, para a geração de empregos formais e para a reversão da trajetória de queda dos rendimentos do trabalho, acompanhando uma recuperação do crescimento econômico. Apesar disso, o país ainda convive com um mercado de trabalho estruturalmente segmentado, que exclui social e economicamente uma parcela expressiva de trabalhadores, em função do elevado déficit de trabalho decente. (CEPAL/PNUD/OIT, 2008, p.14).

Ao mesmo tempo em que o nível de emprego aumenta, surge um número muito maior de candidatos a um posto de trabalho e milhares de jovens estão incluídos neste número.

As melhores oportunidades de emprego são delimitadas a um grupo pequeno de trabalhadores que ao longo de sua vida pode melhorar o capital humano. Melhorar o capital humano possibilita ao jovem trabalhador projetar seus anseios de um melhor posicionamento na sociedade, mas as limitações a qual os jovens menos favorecidos estão expostos são fundamentais para que o Governo viabilize um ensino de graduação sustentada através de políticas públicas de educação.

A rápida transformação do mundo do trabalho na era globalizada faz dos recursos humanos um tema central de articulação entre as dimensões econômicas e sociais. As estratégias inclusivas de crescimento são precisamente aquelas que aprimoram recursos humanos como forma de facilitar o acesso a melhores empregos e renda, incrementar a produtividade e a competitividade. Portanto, as políticas de melhoria da escolaridade e da qualificação profissional têm influência tanto no crescimento econômico (produtividade e competitividade) quanto na inclusão social (CEPAL/PNUD/OIT, 2008, p. 109)

As limitações impostas ao jovem foram fundamentais para a criação de políticas de subsistência, qualificação, formação educacional e de inserção do jovem na sociedade. Sem a assistência dos Governos Federal e Estaduais, a segregação do jovem seria muito maior e poderia por em risco o crescimento econômico da nação.

As políticas de emprego no Brasil nas últimas décadas, principalmente as voltadas para o segmento juvenil, obtiveram um olhar mais cuidadoso por parte do poder público, tendo em vista o alto índice de desemprego nesta faixa etária e pelas conseqüências deste desemprego para toda a sociedade (CHAVES, CARVALHO NETO, 2006, p. 115).

2.6.1 Primeiro emprego

Conseguir o primeiro emprego não é uma condição muito simples para qualquer jovem. A inexperiência é uma barreira condicionante para o atraso a entrada no mercado de trabalho. Com todas as dificuldades vivenciadas pelo Jovem, o Governo Federal propôs medidas de inclusão que pudesse dar aos jovens a experiência exigida pelas empresas, além de indiretamente estar condicionando os jovens a serem melhores cidadãos.

As políticas de emprego são consideradas uma parte das políticas sociais e, como tal, fazem parte das políticas públicas implementadas pelo Estado. Nesta perspectiva, parte-se da observação do que consiste esta política social, de qual a percepção da função desta modalidade de política para, finalmente, tratarmos das diversas correntes que tratam sobre as causas do desemprego e as possibilidades de resolução de grave problema social (CHAVES, CARVALHO NETO, 2006, p. 114).

Chaves e Carvalho Neto (2006, p. 117) apud Rua (1998) destacam que:

Um dos grandes obstáculos a inserção dos jovens no mercado de trabalho, além das características recessivas do mercado de trabalho e da sua baixa qualificação, é a exigência de experiência de trabalho. Como o investimento empresarial em educação e capacitação profissional é bastante reduzido, e ainda é exigida experiência de trabalho sem que sejam oferecidas oportunidades para tanto, o quadro só piora.

A política do primeiro emprego foi criada destinada a atender jovens dentro da faixa etária de 16 a 24 anos em situação de desemprego involuntário. O programa exigia o acúmulo de alguns requisitos como: ainda não ter trabalhado, renda mensal familiar per capita até meio salário mínimo, estar freqüentando a escola e estar cadastrado nas unidades executoras do Programa.

A intenção do programa era interessante, mas surgiam alguns efeitos e impactos. O viés no aumento do desemprego nesta faixa etária criada pela entrada de um maior número de jovens na PEA foi talvez o ponto preponderante na contribuição para melhorar o gerenciamento de novas políticas de primeiro emprego.

2.6.2 Projovem

As políticas de emprego tiveram foco em programas voltados ao desenvolvimento do jovem com objetivos de criar condições para reduzir as

desigualdades e fortalecer uma nova classe de empregado. Outro programa criado pelo Governo Federal foi o Programa ProJovem.

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) foi instituído pela Medida Provisória nº 238, de 1º de Fevereiro de 2005, no âmbito da Secretaria-Geral da Presidência da República, e é destinado a jovens com idade entre 18 e 29 anos que tenham sido alfabetizados, porém sem ter completado o ensino fundamental, e não tenham vínculo empregatício. Os objetivos são fortalecer a família, os vínculos familiares e sociais.

De acordo com o Ministério do Trabalho (2012), o programa Projovem Integrado compreende quatro modalidades:

a) ProJovem Adolescente, que objetiva complementar a proteção social básica à família, oferecendo mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária e criar condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional. Consiste na reestruturação do programa Agente Jovem e destina-se a jovens de 15 a 17 anos.

b) ProJovem Urbano, que tem como finalidade elevar o grau de escolaridade visando ao desenvolvimento humano e ao exercício da cidadania, por meio da conclusão do ensino fundamental, de qualificação profissional e do desenvolvimento de experiências de participação cidadã. Constitui uma reformulação do ProJovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens.

c) ProJovem Campo, que busca fortalecer e ampliar o acesso e a permanência dos jovens agricultores familiares no sistema educacional, promovendo elevação da escolaridade - com a conclusão do ensino fundamental - qualificação e formação profissional, como via para o desenvolvimento humano e o exercício da cidadania. Valendo-se do regime de alternância dos ciclos agrícolas, reorganiza o programa Saberes da Terra.

d) ProJovem Trabalhador, que unifica os programas Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica, visando à preparação dos jovens para o mercado de trabalho e ocupações alternativas geradoras de renda.

2.6.3 Projeto Jovem Aprendiz

Outra dificuldade para o jovem é a falta de conhecimento profissional, tendo em vista, a ausência de experiência. A necessidade de capacitar os jovens

para o mercado de trabalho fez com que surgisse mais uma política pública de assistência social voltada para a juventude.

De acordo como Ministério do Trabalho (2012), o programa Jovem Aprendiz é destinado à contratação direta de jovens na faixa etária entre 14 e 24 anos pelo empregador ou por intermédio de entidades sem fins lucrativos, esteja matriculado e freqüentando a escola, caso não tenha concluído o Ensino fundamental e esteja inscrito em curso ou programa de aprendizagem desenvolvido por instituições de aprendizagem.

O objetivo do programa é dar oportunidade para os jovens aprender uma profissão, bem como de ingressar no mercado de trabalho. O programa tem parcerias que oferecem ao jovem qualificação que é obtida por meio de um curso que tem por apoio técnico alguns centros de qualificação técnica.

As limitações a que os jovens estão expostos são determinantes no futuro profissional, sendo assim as políticas apresentam novas oportunidades de inclusão do jovem no mercado de trabalho reduzindo as dificuldades encontradas por essa classe de trabalhador.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi do tipo exploratória descritiva com abordagem quantitativa, no qual se propõe analisar os dados de relações trabalhistas nas mesorregiões do Estado do Ceará tendo como base os dados da Relação Anual de Informações Sociais – (RAIS), instituída pelo Decreto nº 76.900, de 23/12/1975 do Ministério do Trabalho e Emprego.

3.2 Coleta de dados

O estudo foi desenvolvido com recursos e fontes de dados da internet e do sítio oficial do Ministério do Trabalho e Emprego.

A população é formada pelos jovens inseridos no banco de dados da RAIS, limita-se a faixa etária que vai de 18 a 29 anos de idade. Escolheu-se essa faixa por existir limitações nos intervalos iniciais das faixas etárias até 18 anos do ano e por se tratar de uma melhor base para entender como esses jovens estão mais preparados para permanecer no mercado de trabalho e como sendo essa faixa o momento que o jovem desperta para sua independência.

Os dados foram coletados através de dados tabulados nas planilhas formuladas pela RAIS nos períodos dos anos de 2000, 2005 e 2010.

3.3 Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada segundo conteúdo das informações do emprego formal para os jovens na faixa etária de 18 a 29 anos de idade das mesorregiões do Estado do Ceará coletadas pela RAIS e respaldada na literatura, através de tabelas cruzadas da faixa etária e setor de atividade econômica do Estado do Ceará para os jovens empregados nos períodos de 2000, 2005 e 2010.

Utiliza-se esta faixa etária por acreditar que este seja o período em que esses jovens tenham uma melhor escolarização e também por estar na faixa de maioridade etária.

As regiões são definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)² que dividiu o Estado do Ceará em sete mesorregiões.

As mesorregiões foram definidas como sendo as: Mesorregião do Centro Sul Cearense, Mesorregião do Jaguaribe, Mesorregião Metropolitana de Fortaleza, Mesorregião do Noroeste Cearense, Mesorregião do Norte Cearense, Mesorregião dos Sertões Cearenses e Mesorregião do Sul Cearense.

Cada mesorregião é subdividida em microrregiões e apresentam características econômicas diferentes que foram analisadas através da desagregação dos setores econômicos de extração mineral, indústria de transformação, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio, serviços, administração pública, agropecuária e outros/ignorados.

Foi construído tabelas de dados para análise da última década da economia cearense fazendo o corte em três períodos: anos 2000, 2005 e 2010 e identificado os setores com melhor representatividade do trabalhador jovem.

Utiliza-se ainda o índice de dissimilaridade de Duncan e Duncan (1955), citada por Riane (2012, p. 313), que é a medida mais usada para se analisar o nível de segregação a que o jovem está exposto no mercado de trabalho. Esse índice varia entre zero e cem, quanto mais baixo menor será o nível de segregação e quanto mais alto maior será o nível de segregação, sua fórmula é dada por:

$$D = \sum_{j=1}^j \left| \frac{x_j}{X} - \frac{y_j}{Y} \right| * 0,5 * 100$$

Onde; D= porcentagem de pessoas de determinado grupo que devem mudar para que tenha a mesma distribuição dos grupos em todas as áreas j;

x_j = número de pessoas do grupo minoritário em cada área j;

X= número total do grupo minoritário;

y_j = número de pessoas do grupo majoritário em cada área j;

Y = número total de pessoas no grupo majoritário.

Rearranjado a fórmula para:

$$D = \sum_{j=1}^j \left| \frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right| * 0,5 * 100$$

2. O IBGE é uma fundação pública de administração federal que pesquisa e analisa dados, produzindo e divulgando informações de natureza estatística, geográfica e ambiental. Economicamente o IBGE estratificou os setores econômicos e os distribuiu de forma a especificar as ramificações do mercado econômico.

Sendo j = número de ocupações; J_j = número de indivíduos de um grupo – jovens na ocupação j ; J = número de jovens ocupados na força de trabalho total; N_j = número de indivíduos no grupo de comparação – não jovens – na ocupação j ; NJ = número de não jovens ocupados na força de trabalho total; D = porcentagem da força de trabalho que deve mudar de ocupação para trazer a correspondência perfeita entre a razão de idade em cada ocupação e a taxa de participação do jovem na força de trabalho.

Os valores assumidos pelo índice de dissimilaridade D variam de 0, quando não há diferença nas distribuições ocupacionais de jovens e não jovens, ou seja, há uma integração completa, a 100, quando há uma segregação completa.

Analisa-se a segregação do jovem nos setores econômicos no Estado do Ceará nos anos 2000, 2005 e 2010 e analisam-se também os dados desagregados dos setores econômicos na cidade de Fortaleza no ano de 2010 apresentando os dez setores que mais segregam e os dez setores que menos segregam o jovem fortalezense. Nessa análise de segregação considera-se o jovem com idade até 29 anos e o não jovem a partir de 30 anos.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse estudo apresenta a evolução do emprego formal do jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará, no qual foram tomados como base de análise os dados colhidos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), instituída pelo Decreto nº 76.900, de 23/12/1975 do Ministério do Trabalho e Emprego.

É percebido um crescimento na economia brasileira assim como na economia cearense. Definir a colocação do jovem no mercado de trabalho nas regiões é também avaliar o impacto para o trabalhador jovem na conjuntura dos segmentos propostos por este estudo.

Os dados referem-se aos setores econômicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Analisou-se os setores das regiões do Estado do Ceará, na qual dividimos o Estado em duas regiões: a Região Metropolitana de Fortaleza e as Demais Regiões do Estado do Ceará³.

Figura 1: Mapa das mesorregiões do Estado do Ceará



Fonte: IBGE

Os dados tabulados pela RAIS no ano de 2000 apresentam uma informação inicial desse estudo e mostra que o mercado de trabalho Cearense apresenta algumas concentrações em determinados setores econômicos do Estado.

3. As Demais Regiões do Estado do Ceará são representadas pelas regiões Noroeste Cearense, Norte Cearense, Sertões Cearenses, Jaguaribe, Centro-Sul Cearense e Sul Cearense.

Observamos na tabela 1 como o jovem, na faixa etária entre 18 e 24 anos, está situado no trabalho formal.

Tabela 1 - Emprego formal do jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2000: Faixa etária de 18 a 24 anos

<i>Setores IBGE</i>	<i>Região Metropolitana de Fortaleza</i>	<i>Demais Regiões do Estado do Ceará</i>	Total
EXTR MINERAL	128	266	394
IND TRANSF	25531	15783	41314
SERV IND UP	160	52	212
CONSTR CIVIL	3721	788	4509
COMERCIO	21034	6814	27848
SERVICOS	27342	5836	33178
ADM PUBLICA	2190	5912	8102
AGROPECUARIA	974	1244	2218
OUTR/IGN	1	0	1
TOTAL	81081	36695	117776

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Em 2000, a taxa de participação do jovem na faixa etária entre 18 e 24 anos tende a se concentrar em 86,89 % em três setores. Os principais setores são: o da Indústria de Transformação com 41.314 empregos formais representando cerca de 35,08%, Serviços com 33.178 empregos formais representando cerca de 28,17% e Comércio com 27.848 empregos formais representando cerca de 23,64%.

Dessa forma a variação encontrada nos dados apresentados na tabela 1 foi de que o setor da indústria de transformação é o que concentra uma maior participação do jovem, enquanto que os setores de Extrativismo Mineral e Serviço Indústrias de Utilidade Pública são os de menor representatividade com 394 e 212 vagas respectivamente.

Os dados dessa faixa confirma a análise de Muniz (2002, p. 91) onde se destaca uma maior participação do jovem da faixa etária entre 20 e 24 anos no mercado de trabalho formal.

A literatura destaca uma participação do jovem na faixa etária entre 25 e 29 anos no mercado de trabalho formal, é o que se percebe nas tabelas a seguir.

Na tabela 2, observa-se que o setor de Administração Pública se junta aos setores da Indústria de Transformação, Serviços e Comércio representando cerca de 93,24%, quase a totalidade da demanda de mão-de-obra do jovem. No entanto, observa-se características diferentes e mudança no grau de participação destes setores. Os principais setores dessa faixa etária em ordem de representatividade são: o setor de Serviços com 36.707 empregos e 31,88%,

Indústria de Transformação com 31.164 empregos formais representando cerca de 27,07%, Comércio com 21.401 empregos e 18,59% e Administração Pública com 18.091 empregos formais representando cerca de 15,71%.

Tabela 2 - Emprego formal do jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2000: Faixa etária de 25 a 29 anos

<i>Setores IBGE</i>	<i>Região Metropolitana de Fortaleza</i>	<i>Demais Regiões do Estado do Ceará</i>	Total
EXTR MINERAL	138	301	439
IND TRANSF	21635	9529	31164
SERV IND UP	470	126	596
CONSTR CIVIL	4239	797	5036
COMERCIO	16562	4839	21401
SERVICOS	30879	5828	36707
ADM PUBLICA	7435	10656	18091
AGROPECUARIA	850	860	1710
OUTR/IGN	0	0	0
TOTAL	82208	32936	115144

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Comparando o nível de emprego do jovem no mercado de trabalho cearense no ano de 2000, tem-se que na faixa entre 18 e 24 anos o jovem está ocupando 117.776 vagas e entre 25 e 29 anos 115.144 vagas. Verifica-se que há uma melhor ocupação em termos de quantidade de vagas no primeiro momento, ou seja, o nível de experiência desta faixa relacionado à idade ainda é alvo de estudo, pois, trata-se de uma mão-de-obra menos qualificada.

O ingresso do jovem no mercado de trabalho formal no Estado do Ceará representado neste período mostra uma noção de ocupação dos jovens nos postos de trabalho na economia Cearense. O total de jovens ativos e com empregos formais somam um total de 232.920 empregados no ano de 2000.

A tabela 3 mostra o comportamento da demanda por mão-de-obra dessa força de trabalho, comparando o emprego por setor os dados ilustram que o jovem está ocupando com bastante representatividade os postos de trabalho nos setores da Indústria de Transformação, Serviços, Comércio e Administração Pública.

Analisando os dados da tabela observa-se que as indústrias de transformação como indústrias têxteis, de alimentos, calçados e vestuários são as que mais atraem os jovens. Por sua vez, as empresas que prestam serviços nas áreas de turismo, gastronomia, bebidas, cuidados médicos e tecnologia da informação sustentam o segundo setor mais atrativo e o setor de Comércio é o terceiro setor que mais emprega o jovem no mercado de trabalho.

Tabela 3 - Emprego formal do jovem e não jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2000: Faixa etária de 18 a 29 anos e acima de 30 anos.

Setores IBGE	Região Metropolitana de Fortaleza		Demais Regiões do Estado do Ceará		Total	
	Jovem	não Jovem	Jovem	não Jovem	Jovens	não Jovens
EXTR MINERAL	266	601	567	1272	833	1873
IND TRANSF	47166	52233	25312	17785	72478	70018
SERV IND UP	630	4130	178	1534	808	5664
CONSTR CIVIL	7960	15569	1585	2591	9545	18160
COMERCIO	37596	33386	11653	9666	49249	43052
SERVICOS	58221	98544	11664	22507	69885	121051
ADM PUBLICA	9625	118964	16568	69906	26193	188870
AGROPECUARIA	1824	3811	2104	2572	3928	6383
OUTR/IGN	1	0	0	2	1	2
TOTAL	163289	327238	69631	127835	232920	455073

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

O setor da indústria de transformação é o que apresenta uma maior presença de jovens, o mesmo se destaca com 31,12% das vagas ocupadas, seguido pelo setor de serviços com 30% e o setor de comércio com 21,14% dos jovens empregados.

Comparando o número de emprego de jovens com os não jovens nas regiões analisadas por setor percebe-se que na região Metropolitana de Fortaleza apenas o setor de comércio emprega mais jovem, enquanto que nas demais regiões do estado do Ceará os setores que mais empregam os jovens são os setores da indústria da transformação e o de comércio.

Comparando no estado do Ceará o total de jovens empregados nos três setores que empregam mais jovens com os não jovens, verifica-se que o jovem no setor da indústria de transformação representa 50,86% de todo o setor, no setor de comércio o jovem ocupa 53,36% do setor e no setor de serviços está representado com 36,60% de todo o setor.

Os setores onde os jovens ocupam mais postos de trabalho que os não jovens são os setores da indústria de transformação com 72.478 (não jovem 70.018) e o setor de comércio com 49.249 (não jovem 43.052).

Após relacionar os dados da RAIS de 2000 vimos que o jovem está ocupando com significância os setores de transformação, serviço e comércio.

Tabela 4 - Emprego formal do jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2005: Faixa etária de 18 a 24 anos

<i>Setores IBGE</i>	<i>Região Metropolitana de Fortaleza</i>	<i>Demais Regiões do Estado do Ceará</i>	Total
EXTR MINERAL	128	131	259
IND TRANSF	28159	19130	47289
SERV IND UP	225	113	338
CONSTR CIVIL	3098	687	3785
COMERCIO	26823	10846	37669
SERVICOS	38507	5331	43838
ADM PUBLICA	3181	10722	13903
AGROPECUARIA	1011	4236	5247
OUTR/IGN	0	0	0
TOTAL	101132	51196	152328

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Em 2005 a tabela 4 mostra a taxa de participação do jovem na faixa etária entre 18 e 24 anos, este grupo tende a se concentrar em 84,55 % em três setores. Os principais setores são: o da Indústria de Transformação com 47.289 empregos formais representando cerca de 31,04%, Serviços com 43.838 empregos formais representando cerca de 28,78% e Comércio com 37.669 empregos formais representando cerca de 24,73%.

Na tabela 5, apresenta-se o emprego formal na faixa etária entre 25 e 29 anos.

Tabela 5 - Emprego formal do jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2005: Faixa etária de 25 a 29 anos

<i>Setores IBGE</i>	<i>Região Metropolitana de Fortaleza</i>	<i>Demais Regiões do Estado do Ceará</i>	Total
EXTR MINERAL	170	129	299
IND TRANSF	27112	15326	42438
SERV IND UP	475	209	684
CONSTR CIVIL	4069	867	4936
COMERCIO	22341	8485	30826
SERVICOS	42252	7143	49395
ADM PUBLICA	7765	20417	28182
AGROPECUARIA	998	3280	4278
OUTR/IGN	0	0	0
TOTAL	105182	55856	161038

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Nesta na faixa etária entre 25 e 29 anos, observa-se uma semelhança entre os períodos de 2000 e 2005, o setor de Administração Pública também se junta aos setores da Indústria de Transformação, Serviços e Comércio representando cerca de 93,67%, quase a totalidade da demanda de mão-de-obra do

jovem. O grau de participação dos setores dessa faixa etária em ordem de representatividade é: o setor de Serviços com 49.395 empregos e 30,67, Indústria de Transformação com 42.438 empregos formais representando cerca de 26,35%, Comércio com 30.826 empregos cerca de 19,14% e Administração Pública com 28.182 empregos formais representando cerca de 17,50%.

Comparando o nível de emprego do jovem no mercado de trabalho cearense no ano de 2005, tem-se na faixa entre 18 e 24 anos o jovem ocupando 152.328 vagas e entre 25 e 29 anos 161.038 vagas. Diferente de 2000, pode-se verificar que a faixa etária entre 25 e 29 anos está melhor representada no mercado de trabalho em termos de quantidade de vagas no segundo momento, ou seja, o nível de experiência desta faixa relacionado à idade já mostra que quanto mais experiência e qualificação o jovem tem, melhores oportunidades de emprego eles terão.

Tabela 6 - Emprego formal do jovem e não jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2005: Faixa etária de 18 a 29 anos e acima de 30 anos.

Setores IBGE	Região Metropolitana de Fortaleza		Demais Regiões do Estado do Ceará		Total	
	Jovem	não Jovem	Jovem	não Jovem	Jovens	não Jovens
EXTR MINERAL	298	655	260	596	558	1251
IND TRANSF	55271	66331	34456	24413	89727	90744
SERV IND UP	700	4407	322	1490	1022	5897
CONSTR CIVIL	7167	16586	1554	3003	8721	19589
COMERCIO	49164	47991	19331	15621	68495	63612
SERVICOS	80759	138757	12474	29919	93233	168676
ADM PUBLICA	10946	130576	31139	111619	42085	242195
AGROPECUARIA	2009	3747	7516	7632	9525	11379
OUTR/IGN	0	0	0	0	0	0
TOTAL	206314	409050	107052	194293	313366	603343

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

A tabela 6 mostra que o número de empregos formais aumentou aproximadamente 34,54% se comparado ao período de 2000 com 232.920 empregados, o nível de emprego formal em 2005 empregou 313.366 jovens na faixa etária entre 18 e 29 anos de idade.

O período também demonstra que os setores econômicos que mais empregaram os jovens foram os setores de Serviço com 29,75%, a Indústria da Transformação com 28,63%, Comércio com 21,86% e Administração Pública com 13,43%. O que se pode perceber é que neste período o nível de emprego no setor

de Comércio se comparado ao ano de 2000, ultrapassou o manufatureiro subindo de segundo setor mais atrativo para primeiro setor econômico, tornando-se o principal empregador da força de trabalho jovem.

Comparando o número de emprego de jovens com os não jovens nas regiões analisadas por setor em 2005, manteve-se a tendência de emprego na região Metropolitana de Fortaleza confirmando que apenas o setor de comércio continua empregando mais jovem, enquanto que nas demais regiões do estado do Ceará os setores que mais empregam os jovens continuam sendo os setores da indústria da transformação e o de comércio.

Ao final de 2005 ao comparando o total de jovens empregados do estado do Ceará nos quatro setores que empregam mais jovens com os não jovens, verificamos que o setor de serviços mesmo empregando mais jovem o percentual de jovens empregados no setor é de apenas 35,60%, no setor da indústria de transformação o jovem representa 49,72% de todo o setor, no setor de comércio o jovem ocupa 51,85% do setor e no setor de administração pública o jovem está representado com 14,80% de todo o setor.

O setor onde os jovens ocupam mais postos de trabalho que os não jovens é o setor de comércio com 68.495 (não jovem 63612), comparado ao ano 2000 observou-se que o jovem perdeu representatividade no setor da indústria de transformação.

Ao longo de 10 anos analisados com intervalos de 5 anos, esta análise apresentará os dados finais que compararam a ocupação do jovem no mercado de trabalho Cearense. Em 2010 se alcançou o nível de 465.135 empregados na faixa etária de 18 a 29 anos de idade, um número que cresceu 199,70% se comparado ao ano de 2000.

Com base nestes dados pode-se entender que o nível de emprego do jovem na economia foi muito promissor, e que o jovem passou a ocupar um espaço maior nos principais setores econômicos. Após 10 anos de análise, agora em 2010 chega-se ver com mais clareza a evolução do jovem no mercado de trabalho. A se destacar os setores econômicos que mais empregaram e foram os principais incentivadores desta força de trabalho, tem-se como principal setor o de Serviços com 133.157 jovens empregados.

Vale à pena destacar que o nível de emprego nas demais Regiões do Estado do Ceará no setor da Indústria de Transformação e no setor de

Administração Pública passou a contratar mais jovens e se tornaram os setores mais importante na oferta de emprego. Comparado com a Região Metropolitana, o setor de Administração Pública é uma grande oportunidade de emprego para os jovens do interior do Estado. É importante dizer que nas demais regiões do Estado do Ceará o crescimento dos setores Comércio, Serviços e Agropecuária ainda oferecem boas oportunidades de emprego.

Tabela 7 - Emprego formal do jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2010: Faixa etária de 18 a 24 anos

<i>Setores IBGE</i>	<i>Região Metropolitana de Fortaleza</i>	<i>Demais Regiões do Estado do Ceará</i>	Total
EXTR MINERAL	191	188	379
IND TRANSF	41081	24388	65469
SERV IND UP	494	129	623
CONSTR CIVIL	10656	1985	12641
COMERCIO	40411	17191	57602
SERVICOS	55884	7046	62930
ADM PUBLICA	6682	14154	20836
AGROPECUARIA	1000	3431	4431
OUTR/IGN	0	0	0
TOTAL	156399	68512	224911

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

A tabela 7 mostra que o nível de emprego na faixa etária entre 18 e 24 anos chegou a 224.911 jovens empregados e que para essa faixa ao longo de 10 anos o setor que mais emprega o Jovem é o setor da Indústria de Transformação, esse setor é mais intensivo em mão-de-obra. Sabemos que este setor é o que mais cresce, mas também é o setor que mais absorve mão-de-obra menos qualificada.

O nível de emprego cresceu e os números mostram que os setores estão empregando mais os jovens desta faixa etária. Pode-se observar que além dos setores da Indústria de Transformação com 65.469 empregos formais cerca de 29,11%, Serviços com 62.930 com 27,98% empregos formais e Comércio 57.602 com 25,61% empregos formais, os setores de Administração Pública com 20.836 com 9,26% empregos formais e da Construção Civil com 12.641 com 5,62% empregos formais estão empregando mais jovens nesta faixa etária.

A tabela 8 confirma o crescimento do emprego jovem e que cada vez mais o setor de Serviços se destaca nesta faixa etária, está faixa continua com o nível de emprego maior que a faixa entre 18 e 24 anos. O setor com maior participação de jovem é o setor de Serviços com 70.227 com 29,23% de jovens empregados, seguido pelo setor da Indústria de Transformação com 57.832 jovens

com 24,07%, setor Comércio com 49.478 com 20,60% e o setor de Administração Pública com 43.494 jovens com 18,11% de jovens.

Tabela 8 - Emprego formal do jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2010: Faixa etária de 25 a 29 anos

<i>Setores IBGE</i>	<i>Região Metropolitana de Fortaleza</i>	<i>Demais Regiões do Estado do Ceará</i>	Total
EXTR MINERAL	214	235	449
IND TRANSF	37647	20185	57832
SERV IND UP	630	235	865
CONSTR CIVIL	10998	2243	13241
COMERCIO	34812	14666	49478
SERVICOS	60884	9343	70227
ADM PUBLICA	16551	26943	43494
AGROPECUARIA	1079	3561	4640
OUTR/IGN	0	0	0
TOTAL	162815	77411	240226

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Na tabela 9 pode-se ver que a tendência do aumento de empregos formais continua crescendo e que há certo equilíbrio na ocupação das vagas de emprego nos setores de Serviços, Indústria de Transformação e Comércio. Ao se comparar os resultados da Região Metropolitana de Fortaleza com as demais Regiões do Estado do Ceará percebe-se que o nível de emprego próximo a Fortaleza aumentou significativamente enquanto que nas demais regiões houve um crescimento menor. Essas informações preocupam, pois, a tendência das demais regiões do interior do Estado é perder capacidade de crescimento e oferta de emprego, fazendo com que o nível de desemprego aumente.

Tabela 9 - Emprego formal do jovem e não jovem no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2010: Faixa etária de 18 a 29 anos e acima de 30 anos.

<i>Setores IBGE</i>	<i>Região Metropolitana de Fortaleza</i>		<i>Demais Regiões do Estado do Ceará</i>		Total	
	<i>Jovem</i>	<i>não Jovem</i>	<i>Jovem</i>	<i>não Jovem</i>	Jovens	não Jovens
EXTR MINERAL	405	819	423	1002	828	1821
IND TRANSF	78728	91225	44573	36131	123301	127356
SERV IND UP	1124	4102	364	1569	1488	5671
CONSTR CIVIL	21654	42526	4228	7448	25882	49974
COMERCIO	75223	73126	31857	27821	107080	100947
SERVICOS	116768	202027	16389	32718	133157	234745
ADM PUBLICA	23233	165266	41097	158026	64330	323292
AGROPECUARIA	2079	3852	6992	9310	9071	13162
OUTR/IGN	0	0	0	0	0	0
TOTAL	319214	582943	145923	274025	465137	856968

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

O setor que tem maior representatividade de jovens com emprego formal é o setor de Serviços com 133.157 cerca de 28,63%, seguido pelo setor da Indústria de Transformação com 123.301 com 26,51%, Comércio com 107.080 cerca de 23,02% e Administração Pública com 64.330 cerca de 13,83%. Os quatro setores juntos representam 91,99% e nos mostra que a competitividade nesses setores é bem maior que nos demais setores.

Ao final do período analisado em 2010 compara-se novamente o nível de jovens empregados relacionado com os não jovens e percebe-se que não houve alterações em termo de importância no número de empregabilidade dos setores para os jovens comparados ao ano de 2005. Mantendo a tendência de empregos entre os setores comparando o total de jovens empregados nos quatro setores que empregam e relacionamos com os não jovens.

Comparando o número de emprego de jovens com os não jovens nas regiões analisadas por setor percebe-se que na região Metropolitana de Fortaleza apenas o setor de comércio continua empregando mais jovem, enquanto que nas demais regiões do estado do Ceará os setores que mais empregam os jovens são os setores da indústria da transformação e o de comércio.

Verifica-se que o setor de serviços continua empregando mais jovens e alcançou um percentual de 36,19% no setor, no setor da indústria de transformação o jovem representa 49,19% de todo o setor, no setor de comércio o jovem ocupa 51,47% do setor e no setor de administração pública o jovem está representado com 16,60% de todo o setor.

O jovem chega a ocupar 465.137 empregos formais e o não jovem ocupa 856.968, o setor onde os jovens ocupam mais postos de trabalho que os não jovens é o setor de comércio com 107.080 (não jovem 100.947), e o setor que menos emprega o jovem é o setor de administração pública com 64.330 (não jovem 323.292).

5. SEGREGAÇÃO

Observou-se nesta década que a força de trabalho no Brasil passou por um período favorável no nível de crescimento de emprego. As mudanças de comportamento que a sociedade e o Estado adotaram foram o ponto de partida para essa evolução.

Sem uma boa sinergia entre economia, governo, empresas e sociedade a estabilização no mercado econômico fica bastante fragilizada. Portanto, todo o esforço para evitar segregar⁴ uma classe é de suma relevância quando se trata de discriminar⁵ a parte mais vulnerável.

Quando falamos em segregação⁶, tem-se que o efeito de exigência das empresas na contratação de profissionais experientes gera um efeito negativo para o jovem desta forma favorecendo o profissional mais velho. A discriminação torna-se a variável que representa o desconhecimento do empregador a respeito do empregado, ocasionando barreiras a entrada do jovem no primeiro emprego.

As políticas de inclusão social do jovem no mercado de trabalho ajudam a diminuir as barreiras à entrada do emprego juvenil. Isto mostra que o governo federal e estadual estão se esforçando para reduzir essa limitação a qual todo jovem está condicionado e que ele mesmo não é responsável por essa situação.

Muitas vezes a dificuldade que o jovem sofre para entrar e permanecer no mercado de trabalho o leva ao mercado informal e é nesse momento que se eleva a dificuldade de inclusão. Essa dificuldade é potencializada pela burocracia do emprego formal, os elevados impostos a qual as empresas estão submetidas e a flexibilidade da informalidade.

Pode-se considerar como segregação aspectos limitante como idade, experiência de trabalho, gênero, formação, salário entre outros. Segundo Ehrenberg e Smith (2000), precisam-se considerar as fontes mensuráveis e não mensuráveis de diferenças de ganhos e que para existir discriminação no mercado de trabalho é

4. Segregar: significa separar e ou isolar.

5. Discriminar: significa construir um grupo distinto para não se juntar aos demais por possuir algum tipo de preconceito.

6. Segregação: a palavra discriminação está relacionada a aspectos de raça, sexo, cor, religião, entre outros. Ela é toda distinção de exclusão de comportamentos diferentes. A segregação está relacionada diretamente com o preconceito, aquele de separar, como acontece, por exemplo, com a segregação racial, que limita presença ou ação de uma raça em locais públicos ou outras situações.

preciso identificar se trabalhadores com características idênticas de produção são tratados de forma diferente.

Segundo Enrenberg e Smith (2000, p. 460), "... é mais fácil definir a discriminação no mercado de trabalho do que mensurá-la."

Com base nos dados da RAIS de 2010 apresenta-se o nível de segregação nos setores da economia do Estado do Ceará e da cidade de Fortaleza baseados na comparação do emprego formal do jovem e não jovem.

A Pnad de 2007 mostrou uma aceleração do processo de redução da desigualdade de rendimentos do trabalho nos últimos anos, acompanhado por um aumento de 3,3% da renda do trabalho. Entre os trabalhadores mais beneficiados deste crescimento estiveram justamente aqueles com menores rendimentos, em particular os mais jovens, os trabalhadores com 55 anos ou mais, e os menos escolarizados... (VAZ, 2008, p. 19).

Utilizou-se o índice de dissimilaridade para medir a segregação (Duncan e Duncan, 1955) do jovem comparado ao não jovem. Para avaliar a segregação ocupacional por idade o índice de dissimilaridade D equivale à metade da soma das diferenças absolutas entre os coeficientes de jovens e não jovens trabalhadores de representação em cada ocupação, ou seja, entre as proporções de cada faixa etária para cada ocupação, expresso por meio da seguinte equação.

$$D = \sum_{j=1}^j \left| \frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right| * 0,5 * 100, \text{ onde } 0 \leq D \leq 100$$

Dessa forma, esse índice mostra a porcentagem de cada grupo (jovens e não jovens) iguais por grupo, ou seja, a integração completa. Quanto mais alto o valor do índice, maior o nível de segregação ocupacional.

O ritmo de crescimento populacional é um dos fatores que determinam o tamanho da força de trabalho de uma economia. Nesse sentido, a dinâmica demográfica pode se constituir em elemento que contribui para pressionar o mercado de trabalho, pois um crescimento populacional elevado requer maior capacidade de geração de emprego pela economia para absorver produtivamente as pessoas que ingressam no mercado de trabalho. (BASTOS, 2006, p. 301-315).

Nos anos de 2000, 2005 e 2010 calculou-se o índice de dissimilaridade nos setores econômicos agregados do Estado do Ceará analisando o jovem na faixa etária que vai até 29 anos e comparando com o não jovem de 30 anos ou mais

apresentando o percentual de segregação do jovem cearense.

Tabela 10 - Atividade formal no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2000, setores agregados: Faixa etária jovem até 29 anos e não jovem

Setores IBGE	Jovem	Não Jovem	$\sum_{j=1}^j \left[\frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right] * 100$
EXTR MINERAL	841	1873	-0,05526
IND TRANSF	73585	70018	15,79134
SERV IND UP	808	5664	-0,90229
CONSTR CIVIL	9586	18160	0,07095
COMERCIO	50201	43052	11,80935
SERVICOS	70730	121051	3,36745
ADM PUBLICA	26217	188870	-30,39527
AGROPECUARIA	4051	6383	0,31375
OUTR/IGN	1	2	-0,00002
$D = \sum_{j=1}^j \left \frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right * 0,5 * 100$			31,35284%

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Na tabela 10 analisa-se o índice de dissimilaridade do jovem no Estado do Ceará no ano de 2000, no período vimos que a segregação do jovem relacionado ao não jovem é de 31,35%. O percentual é pequeno quando se avalia que o índice vai de 0% a 100% e que quanto menor esse percentual maior é a inserção do jovem no mercado de trabalho.

Os setores com maior empregabilidade para os jovens são os setores da indústria da transformação com 73.585 e comércio com 50.201. Já os setores com menor empregabilidade para os jovens são os setores da administração pública com 26.217 e o de serviços industriais de utilidade pública com 808.

Na tabela 11 analisa-se o índice de dissimilaridade do jovem no Estado do Ceará no ano de 2005, percebe-se que houve uma melhor inserção do jovem no mercado de trabalho formal constatado pela redução do percentual de segregação do jovem relacionado ao não jovem que foi aproximadamente 27,98%.

Os setores com maior empregabilidade para os jovens são os setores da indústria da transformação com 90.521 e comércio com 69.742. Já os setores com menor empregabilidade para os jovens são os setores da administração pública com 42.185 e o de serviços industriais de utilidade pública com 1.049.

Tabela 11 - Atividade formal no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2005, setores agregados: Faixa etária jovem até 29 anos e não jovem

Setores IBGE	Jovem	Não Jovem	$\sum_{j=1}^j \left[\frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right] * 100$
EXTR MINERAL	565	1251	-0,02901
IND TRANSF	90521	90744	13,53172
SERV IND UP	1049	5897	-0,64628
CONSTR CIVIL	8783	19589	-0,47449
COMERCIO	69742	63612	11,47001
SERVICOS	94365	168676	1,82834
ADM PUBLICA	42185	242195	-26,82696
AGROPECUARIA	9608	11379	1,14666
$D = \sum_{j=1}^j \left \frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right * 0,5 * 100$			27,97674%

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Na Tabela 12 analisou-se o índice de dissimilaridade do jovem no Estado do Ceará no ano de 2010.

Tabela 12 - Atividade formal no mercado de trabalho do Estado do Ceará em 2010, setores agregados: Faixa etária jovem até 29 anos e não jovem

Setores IBGE	Jovem	Não Jovem	$\sum_{j=1}^j \left[\frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right] * 100$
EXTR MINERAL	833	1821	-0,03481
IND TRANSF	124001	127356	11,58814
SERV IND UP	1516	5671	-0,33839
CONSTR CIVIL	25999	49974	-0,28591
COMERCIO	108601	100947	11,38500
SERVICOS	134351	234745	1,26452
ADM PUBLICA	64405	323292	-23,98753
AGROPECUARIA	9118	13162	0,40899
OUTR/IGN	0	0	0,00000
$D = \sum_{j=1}^j \left \frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right * 0,5 * 100$			24,64665%

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Ao analisar os setores agregados no Estado do Ceará, verificou-se que o índice de dissimilaridade do emprego formal para os jovens no mercado de trabalho foi de 24,64%, esse percentual alcançado foi o menor entre os períodos analisados.

Pode-se perceber que analisando de forma mais abrangente o índice de dissimilaridade do jovem apresentado no Estado do Ceará ao longo dos períodos

apresentou uma redução de 6,71 pontos percentuais e nos mostra que o resultado da inserção do jovem até 29 anos no mercado de trabalho cearense é positivo quando comparado ao não jovem de 30 anos ou mais.

Os setores densos em mão-de-obra menos qualificada com maior empregabilidade para os jovens são os setores da indústria da transformação com 124.001 e comércio com 108.601. Já os setores densos em mão-de-obra qualificada com menor empregabilidade para os jovens são os setores da administração pública com 64.405 e o de serviços industriais de utilidade pública com 1.516.

Comprovado que ao final de 2010 o nível de emprego alcançado na Região Metropolitana de Fortaleza é maior do que nas Demais Regiões do Estado do Ceará tanto para o jovem como o não jovem, e tomando como base a cidade de Fortaleza veremos qual o índice de dissimilaridade alcançado comparando o jovem com o não jovem.

Os nove setores econômicos analisados no Estado do Ceará foram desagregados em 85 setores para uma melhor informação das subdivisões da economia local.

A tabela 13 apresenta a desagregação dos setores econômicos da cidade de Fortaleza para o ano de 2010, ao todo são 85 setores econômicos, dos quais apresentaremos 10 setores com maior e menor segregação, além do índice de dissimilaridade do jovem até 29 anos de idade.

Percebe-se que de acordo com os dados, a desagregação dos setores econômicos em Fortaleza mostra que o índice de dissimilaridade do jovem é de 28,87%. Pode-se considerar que a segregação do jovem é pequena, pois, quanto mais baixo o valor do índice, menor o nível de segregação ocupacional.

Analisando a Tabela 13, destaca-se os setores que mais empregam o jovem no mercado de trabalho de Fortaleza em 2010. Os jovens ocupam mais postos de trabalho nos setores de comércio varejista com 49.861, serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados principalmente às empresas com 14.128, alimentação com 11.707, confecção de artigos do vestuário e acessórios com 16.454, comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas com 9.338, comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas com 7.260, atividades de organizações associativas com 10.333, seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra com 10.139, atividades do serviço

de tecnologia da informação com 2.258 e atividades jurídicas, de contabilidade e de auditoria com 2.294.

Tabela 13 - Atividade formal no mercado de trabalho de Fortaleza em 2010, os 10 setores com maior inserção: Faixa etária jovem até 29 anos e não jovem

Setores IBGE	Jovem	Não Jovem	$\sum_{j=1}^j \left[\frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right] * 100$
COMÉRCIO VAREJISTA SERVIÇOS DE ESCRITÓRIO, DE APOIO ADMINISTRATIVO E OUTROS	49861	43301	11,15733
SERVIÇOS PRESTADOS PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	14128	9032	3,83763
ALIMENTAÇÃO	11707	11681	2,30335
CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	16454	22233	2,02251
COMÉRCIO POR ATACADO, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	9338	11506	1,38004
COMÉRCIO E REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	7260	8693	1,12569
ATIVIDADES DE ORGANIZAÇÕES ASSOCIATIVAS	10333	15462	0,95682
SELEÇÃO, AGENCIAMENTO E LOCAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA	10139	16626	0,63507
ATIVIDADES DOS SERVIÇOS DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	2258	2052	0,48624
ATIVIDADES JURÍDICAS, DE CONTABILIDADE E DE AUDITORIA	2294	2313	0,44631
$D = \sum_{j=1}^j \left \frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right * 0,5 * 100$		28,87108%	

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Para as empresas desses setores o jovem se configura como uma força de trabalho capacitada possuindo uma boa representatividade. As empresas desses setores não dependem de muita qualificação, exigem pouco treinamento e caracterizam-se pela facilidade de aprendizagem e realização das atividades. Podemos perceber que esses setores apresentam empresas de média e baixa complexidade não exigindo uma melhor qualificação dos trabalhadores demonstrando que os setores não são intensivos em mão-de-obra qualificada.

Tabela 14 - Atividade formal no mercado de trabalho de Fortaleza em 2010, os 10 setores com menor inserção: Faixa etária jovem até 29 anos e não jovem

Setores IBGE	Jovem	Não Jovem	$\sum_{j=1}^j \left[\frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right] * 100$
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	17616	139752	-22,05532
EDUCAÇÃO	8991	25873	-1,76169
SERVIÇOS PARA EDIFÍCIOS E ATIVIDADES PAISAGÍSTICAS	7913	22214	-1,43414
ATIVIDADES DE ATENÇÃO À SAÚDE HUMANA	5597	14771	-0,81775
ATIVIDADES DE SERVIÇOS FINANCEIROS	2075	7156	-0,65408
CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS	11605	25388	-0,60125
TRANSPORTE TERRESTRE	5840	13685	-0,49244
ATIVIDADES DE VIGILÂNCIA, SEGURANÇA E INVESTIGAÇÃO	3032	7371	-0,31124
CAPTAÇÃO, TRATAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA	61	938	-0,17122
CORREIO E OUTRAS ATIVIDADES DE ENTREGA	891	2464	-0,15369
$D = \sum_{j=1}^j \left \frac{J_j}{J} - \frac{NJ_j}{NJ} \right * 0,5 * 100$		28,87108%	

Fonte: Rais/MT - Elaboração própria

Em contrapartida na tabela 14 destaca-se os setores que menos empregam os jovens, os setores são os de administração pública, defesa e seguridade social com 17.616, educação com 8.991, serviços para edifícios e atividades paisagísticas com 7.913, atividades de atenção à saúde humana com 5.597, atividades de serviços financeiros com 2.075, construção de edifícios com 11.605, transporte terrestre com 5.840, atividades de vigilância, segurança e investigação com 3.032, captação, tratamento e distribuição de água com 61 e correio e outras atividades de entrega com 891.

Para as empresas desses setores o não jovem, ou seja, pessoas com mais de 29 anos tem mais representatividade no mercado formal, podendo indicar que o nível de experiência exigido nesses setores implica uma maior segregação do jovem. Nesses setores se espera que o nível de complexidade das atividades seja fator de segregação de uma mão-de-obra menor qualificada. Esses setores são densos em mão-de-obra mais qualificada e com mais maturidade profissional. É

possível que o jovem representado nestes setores ocupe posições hierárquicas iniciais nas empresas.

Comparando o índice de dissimilaridade do ano de 2010 nos setores econômicos agregados do Estado do Ceará e na desagregação dos 85 setores econômicos da cidade de Fortaleza verificou-se que a tendência de segregação do jovem é considerada baixa e semelhante no período analisado.

Verifica-se também que a segregação do jovem no Estado do Ceará diminuiu ao longo do período analisado e é menor que a segregação vista na cidade de Fortaleza no ano de 2010. Possivelmente os setores econômicos na cidade de Fortaleza exigem mais experiência da mão-de-obra, mas mantêm-se os resultados positivos quando comparamos o jovem com o não jovem no Ceará.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compararmos a Região Metropolitana de Fortaleza com as demais Regiões do Estado do Ceará, percebeu-se que há uma maior concentração de emprego na Região Metropolitana de Fortaleza, o que permite entender que as empresas das demais Regiões do Estado do Ceará não possuem investimentos e incentivos suficientes para manter e ou atrair o jovem para estas regiões.

Os únicos setores que as demais Regiões do Estado do Ceará superam a Região Metropolitana de Fortaleza são os setores de Administração Pública e o da Agropecuária, com isso, entende-se que as cidades do interior do Estado do Ceará sofrem com o baixo nível de oportunidade e emprego, o que por sua vez gera uma migração de jovens para a Região Metropolitana que buscam além de emprego novas oportunidades de qualificação.

O ingresso do jovem no mercado de trabalho formal cearense representado no período avaliado mostra a evolução do emprego formal do jovem e os setores que mais empregaram essa parcela do trabalhador na economia do Estado do Ceará. O total de jovens ativos da faixa etária entre 18 e 29 anos com empregos formais no ano 2000 era de 232.920, em 2005 o emprego formal aumentou 34,54% com 313.366 jovens empregados e ao final do ano 2010 o total de jovens empregados era de 465.137 o que representa um percentual de 99,70% comparado ao ano 2000, comprovando assim a evolução do emprego.

Quando se compara a Região Metropolitana de Fortaleza com as demais Regiões do Estado do Ceará, as oportunidades de emprego são maiores próximo a Fortaleza, mas o nível de emprego tanto cresceu na região Metropolitana como no interior do Estado. Ao final do ano 2010 o número de jovens empregados na região Metropolitana era de 319.214 e nas demais regiões do Estado do Ceará foi de 145.923.

Comparando o ano de 2010 com o ano 2000, houve a evolução do emprego do jovem cearense representado por um aumento de 95,49% na região Metropolitana de Fortaleza e de 109,57% nas demais regiões do Estado do Ceará.

Os setores que mais criaram oportunidade de emprego para o jovem da região Metropolitana de Fortaleza são os setores de Serviços, Indústria de Transformação e Comércio. Já nas demais regiões do Estado do Ceará têm os setores da Indústria de Transformação, Administração Pública e Comércio como os

principais empregadores. É importante dizer que na região Metropolitana de Fortaleza há uma leve concentração de emprego no setor de Serviços e uma distribuição quase homogênea nos outros dois setores e que nas demais regiões do Estado do Ceará o emprego está melhor distribuído nos três setores mas com leve desvantagem para o setor de Comércio.

Já os três setores que apresentam menores oportunidades de emprego nas regiões aqui comparadas, a região Metropolitana de Fortaleza apresenta os setores de Extrativismo Mineral, Serviço Indústria de Utilidade Pública e Agropecuária, já as demais regiões do Estado do Ceará apresentam os setores Serviço Indústria de Utilidade Pública, Extrativismo Mineral e Construção Civil.

As políticas de incentivo a instalação de indústrias e empresas de serviços no interior do Estado auxiliam no crescimento destas regiões bem como no suporte a redução do desemprego e migração dos jovens para a Região Metropolitana.

No Estado do Ceará, os setores que mais se destacam na empregabilidade do jovem são os setores de Serviços, Indústria de Transformação e Comércio e os que menos empregam são os setores de Extrativismo Mineral, Serviço Indústria de Utilidade Pública e Agropecuária

Percebe-se que a Região Metropolitana tem uma grande capacidade de atrair pessoas que buscam emprego, mas é possível que os impactos da migração dessas pessoas gerem conflitos e desequilíbrios no mercado de trabalho. É importante dizer que é interessante que as políticas públicas criem melhores condições em educação, qualificando os jovens do interior e também seja possível aumentar o nível de participação de empresas competitivas nas demais Regiões do Estado do Ceará.

Finalmente os dados mostram que o jovem na faixa etária até 29 anos de idade está mais inserido no mercado de trabalho cearense, e tendo como base a cidade de Fortaleza vimos que o trabalhador não jovem ocupa uma parcela maior de emprego, mas o índice de segregação para o jovem fortalezense é pequeno considerando ser de apenas 28,87% e quando analisado para o Estado do Ceará o índice de segregação é de 24,64% confirmando a inserção do trabalhador jovem.

Destaca-se ainda em 2010 que os setores que mais cresceram em emprego para os jovens foram os setores de serviços com 28,63%, indústria de transformação com 26,51% e comércio com 23,02% de representação e os setores

que menos crescem foram os setores da agropecuária com 1,95%, serviços industrial de utilidade pública com 0,32% e extrativismo mineral com 0,18%.

Comparando os três períodos analisados viu-se que o índice de dissimilaridade mostra que em 2000 a segregação era de 31,35%, em 2005 o índice foi de aproximadamente 27,98% e em 2010 o índice alcançado foi de 24,64%. Esses resultados confirmam a redução em 6,71 pontos percentuais da segregação do jovem comparado ao não jovem ao final de 2010 no Estado do Ceará.

Pode-se entender que o emprego formal para o jovem esteja inversamente proporcional ao nível de complexidade dos setores econômico. Conforme apresentado na tabela da desagregação dos setores de Fortaleza, vimos que o jovem ocupa com maior destaque os postos de trabalho de empresas com um menor grau de complexidade de produção, não exigindo maior qualificação dessa mão-de-obra, enquanto que em setores que exigem mais qualificação o jovem não consegue ser tão competitivo.

Entende-se que a formação educacional é um fator limitante que alguns setores utilizam para assegurar o alto nível de resultados e nesse caso o jovem precisa de um período maior de formação, justificando assim essa segregação.

Mesmo sinalizando uma evolução do emprego formal do jovem, esse é um estudo parcial da ocupação do jovem no mercado de trabalho cearense tendo identificado que o aumento da força de trabalho do jovem se concentrou em setores com baixo grau de complexidade. Faz-se necessário analisar se os jovens estão investindo mais em capital humano tendo em vista que o jovem na faixa etária de 25 a 29 anos tem mais representatividade que o jovem na faixa etária entre 18 e 24 anos.

Portanto, também se faz necessário o desenvolvimento de políticas públicas de educação que tenha o objetivo de melhorar o nível de qualificação da mão-de-obra do jovem, proporcionando ao jovem mais tempo de formação e ao mesmo tempo indiretamente reduzir a entrada desta mão-de-obra em grande escala, gerando assim melhores oportunidades de emprego. Contudo, não podemos esperar que as políticas de emprego sustentabilizem a inclusão do jovem, tendo em vista, que neste estudo não pudemos analisar a continuidade dos jovens contemplados nos programas do governo.

Mesmo apresentado o crescimento do emprego jovem, fazem-se necessários novos estudos relacionando esse aumento do emprego com o nível de

escolaridade; apresentar os beneficiários das políticas públicas; as especificidades setoriais e das regiões do Estado do Ceará com o tipo de trabalhador empregado; além de avaliar a segregação por gênero e etc.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. C. Juventude e trabalho: Alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. IPEA. Brasil, 85 p. Nov 2008.

BASTOS, R.L.A. Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 301-315, jul./dez. 2006

BRITO, M. M. L., **Juventude e Trabalho**. Juventude, pobreza e trabalho. Fortaleza. 2006. 176 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará.

BRUNO, A. J. V. O Jovem e o mercado de trabalho, 2005. Disponível em: <<http://www.arturbruno.com.br/artigos/texto.asp?id=745>>

CAMARANO, A. A et al. Os jovens brasileiros no mercado de trabalho. Mercado de trabalho: **Conjuntura e análise**. Nota técnica. p. 31-39. 2001. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_017g.pdf.> Acesso em: 18 de Abril de 2012.

CAMARANO, A. A. MELO, J. L. KANSO. S. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Cap 2. Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros. Brasília: Ipea, 2009.

CARVALHO, J. A. S. Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/146.pdf>.> Acesso em: 18 de Abril de 2012.

CEPAL/ PNUD/OIT,. Emprego, desenvolvimento humano e trabalho decente: a experiência brasileira recente. 2008 -(Projeto CEPAL/PNUD/OIT) 176 p.

CHAVES, D. A; CARVALHO NETO, A. Programas públicos de geração de emprego para jovens e segregação espacial. **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal**. v. 43, n. 2. Maio-Agosto. 2006. p 111/122.

COSTA, M. O. Emprego formal no ceará: um enfoque regional – **IDT**. Fortaleza. 2009, p. 97.

DAYRELL, J. T. GOMES, N. L. **A juventude no Brasil** 35P. Disponível em : <http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf> Acesso em: 18 de Abril de 2012.

DE NEGRI, F et al. **Tecnologia, exportação e emprego**. Cap. 1. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Cap_1.pdf.> Acesso em: 18 de abril de 2012.

DIEESE. A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos. **Estudos e Pesquisas**. Ano 3, n. 24, Set. 2006.

DIEESE. Juventude: Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano. **Estudos e pesquisas**. n. 11. 12 p. Set. 2005.

DUNCAN, O. D.; DUNCAN, B. A methodological analysis of segregation indices. **American Sociological Review**, v. 20, p. 210-217, 1955.

EHRENBERG, R G. SMITH, R.S. **A moderna economia do Trabalho**. 5º ed. Cap. 9 e 12; São Paulo. tradução Sidney Stancatti: MAKRON Books, 2000.

GEMELLI, D.D; CARVALHAL, M.D. Jovem e mercado de trabalho: aspectos e perspectivas. **Pegada**, Vol 7, n 2, Nov, 2006.

GONZALEZ, R. **Juventude e políticas sociais no Brasil**.Cap 4, Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? Brasília : Ipea, 2009.

MATHEUS, T. C. Jovens e Mercado de Trabalho. **GV Executivo**, p.47-49 v.10 n.1 jan/jun. 2011.

MATTHEUS, T. C., Especiais pressões e angústias do mundo corporativo: Jovens e mercado de trabalho. **GV Executivo**. v. 10, n. 1, p. 47-49. Jan/Jun 2011.

MTE, Políticas de juventude, acessado em: http://portal.mte.gov.br/politicas_juventude/

MUNIZ, J.O. As discontinuidades demográficas exercem efeitos sobre o mercado de trabalho metropolitano dos jovens? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez. 2002.

PUC-RIO. Os impactos das mudanças na demanda e na oferta de trabalho qualificado sobre o desemprego por nível de qualificação. **Certificação Digital No 0015990/CA**. p. 20-66.

RAMOS, L; CAVALERI, R.; FURTADO, L. PNAD 2007: O mercado de trabalho brasileiro. **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. IPEA. Brasil, 85 p.Nov 2008

RIANE, J. R. L. **Raça: Segregação racial residencial**. p. 311-320. Disponível em <<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pbh/arquivos/mod8parte8.pdf>.> Acesso em: 28 de Maio de 2012.

RIBEIRO, M. A. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. v. 63, p. 58-70. Rio de Janeiro, 2011.

SADECK, F. O trabalho infantil na PNAD 2007. Nota Técnica. **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. IPEA. Brasil, 85 p. Nov. 2008.

SILVA, E.L., COSTA, L. C. **Emancipação**. O desemprego no Brasil na década de 1990. n. 5. v. 1. p 9-36, 2005.

SILVA, N.D.V., KASSOUF, A.L. A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez. 2002.

VAZ, F.M. A desigualdade de rendimentos de trabalho segundo a PNAD de 2007: O mercado de trabalho brasileiro. **Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**. IPEA. Brasil, 85 p. Nov. 2008.

ANEXOS

8. ANEXOS

Tabela: Emprego formal no mercado de trabalho de Fortaleza – ano 2010

Fortaleza - CE	ATE 17	18 A 24	25 A 29	30 A 39	40 A 49	50 A 64	65 OU MAIS	IGNORADO	TOTAL
AGRICULTURA, PECUÁRIA E SERVIÇOS RELACIONADOS	2	231	311	539	403	202	9	0	1.697
PRODUÇÃO FLORESTAL	0	2	1	2	1	0	0	0	6
PESCA E AQUICULTURA	0	8	13	17	13	5	0	0	56
EXTRAÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL	0	0	0	0	0	3	0	0	3
EXTRAÇÃO DE MINERAIS NÃO-METÁLICOS	0	49	47	61	57	45	4	0	263
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	47	2.383	2.444	3.815	2.561	992	38	0	12.280
FABRICAÇÃO DE BEBIDAS	20	418	479	780	515	187	13	0	2.412
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DO FUMO	0	12	18	52	20	3	1	0	106
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS TÊXTEIS	10	654	766	1.155	809	305	20	0	3.719
CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	109	8.139	8.206	12.016	7.460	2.706	51	0	38.687
PREPARAÇÃO DE COUROS E FABRICAÇÃO DE ARTEFATOS DE COURO, ARTIGOS PARA VIAGEM E CALÇADOS	10	1.097	965	1.287	683	271	2	0	4.315

FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MADEIRA	3	166	141	283	173	100	4	0	870
FABRICAÇÃO DE CELULOSE, PAPEL E PRODUTOS DE PAPEL	4	151	131	187	122	44	1	0	640
IMPRESSÃO E REPRODUÇÃO DE GRAVAÇÕES	9	538	474	640	294	145	6	0	2.106
FABRICAÇÃO DE COQUE, DE PRODUTOS DERIVADOS DO PETRÓLEO E DE BIOCOMBUSTÍVEIS	0	67	149	267	303	203	12	0	1.001
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS QUÍMICOS	3	170	180	279	172	81	8	0	893
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS FARMOQUÍMICOS E FARMACÊUTICOS	1	91	105	172	96	52	3	0	520
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE BORRACHA E DE MATERIAL PLÁSTICO	4	314	273	416	358	179	4	0	1.548
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MINERAIS NÃO-METÁLICOS	4	258	270	450	258	101	4	0	1.345
METALURGIA	5	52	45	96	76	56	6	0	336
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL, EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	3	576	540	842	580	340	15	0	2.896
FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA, PRODUTOS ELETRÔNICOS E ÓPTICOS	1	136	158	175	43	13	0	0	526
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS	10	236	302	382	191	84	2	0	1.207
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	4	138	166	281	225	114	2	0	930
FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS	1	119	104	182	116	58	0	0	580

FABRICAÇÃO DE OUTROS EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES	7	305	264	273	176	122	12	0	1.159
FABRICAÇÃO DE MÓVEIS	3	325	309	528	322	149	4	0	1.640
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DIVERSOS	14	285	256	344	167	52	4	0	1.122
MANUTENÇÃO, REPARAÇÃO E INSTALAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	1	255	321	429	250	124	5	0	1.385
ELETRICIDADE, GÁS E OUTRAS UTILIDADES	9	54	127	289	393	329	5	0	1.206
CAPTAÇÃO, TRATAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA	4	34	23	261	162	494	21	0	999
ESGOTO E ATIVIDADES RELACIONADAS	0	0	2	6	1	2	0	0	11
COLETA, TRATAMENTO E DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS; RECUPERAÇÃO DE MATERIAIS	7	410	449	861	697	363	12	0	2.799
DESCONTAMINAÇÃO E OUTROS SERVIÇOS DE GESTÃO DE RESÍDUOS	0	2	7	8	9	1	0	0	27
CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS	57	5.658	5.890	11.276	9.156	4.788	168	0	36.993
OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA	25	2.668	2.758	4.809	3.039	1.691	59	0	15.049
SERVIÇOS ESPECIALIZADOS PARA CONSTRUÇÃO	23	1.674	1.742	2.905	1.725	940	29	0	9.038
COMÉRCIO E REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	91	3.553	3.616	4.762	2.829	1.064	38	0	15.953
COMÉRCIO POR ATACADO, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	124	4.460	4.754	6.582	3.467	1.408	49	0	20.844

COMÉRCIO VAREJISTA	922	26.915	22.024	25.389	12.615	5.110	186	1	93.162
TRANSPORTE TERRESTRE	41	2.803	2.996	6.213	4.862	2.510	100	0	19.525
TRANSPORTE AQUAVIÁRIO	0	18	50	73	89	166	14	0	410
TRANSPORTE AÉREO	0	106	227	285	162	66	3	0	849
ARMAZENAMENTO E ATIVIDADES AUXILIARES DOS TRANSPORTES	13	753	790	1.150	658	233	8	0	3.605
CORREIO E OUTRAS ATIVIDADES DE ENTREGA	3	389	499	973	810	671	10	0	3.355
ALOJAMENTO	26	800	908	1.471	942	381	12	0	4.540
ALIMENTAÇÃO	235	6.531	4.941	6.615	3.649	1.377	40	0	23.388
EDIÇÃO E EDIÇÃO INTEGRADA À IMPRESSÃO	8	437	545	792	532	240	30	0	2.584
ATIVIDADES CINEMATOGRAFICAS, PRODUÇÃO DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO; GRAVAÇÃO DE SOM E EDIÇÃO DE MÚSICA	1	162	144	178	94	25	2	0	606
ATIVIDADES DE RÁDIO E DE TELEVISÃO	16	300	402	536	338	171	20	0	1.783
TELECOMUNICAÇÕES	2	293	427	591	264	162	5	0	1.744
ATIVIDADES DOS SERVIÇOS DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	10	996	1.252	1.157	487	390	18	0	4.310

ATIVIDADES DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO	6	126	128	166	111	33	1	0	571
ATIVIDADES DE SERVIÇOS FINANCEIROS	7	596	1.472	2.270	2.521	2.329	36	0	9.231
SEGUROS, RESSEGUROS, PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR E PLANOS DE SAÚDE	6	408	500	690	368	160	17	0	2.149
ATIVIDADES AUXILIARES DOS SERVIÇOS FINANCEIROS, SEGUROS, PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR E PLANOS DE SAÚDE	2	335	341	344	123	45	5	0	1.195
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS	9	391	442	703	451	206	24	0	2.226
ATIVIDADES JURÍDICAS, DE CONTABILIDADE E DE AUDITORIA	19	1.164	1.111	1.287	745	264	17	0	4.607
ATIVIDADES DE SEDES DE EMPRESAS E DE CONSULTORIA EM GESTÃO EMPRESARIAL	1	452	648	884	528	219	6	0	2.738
SERVIÇOS DE ARQUITETURA E ENGENHARIA; TESTES E ANÁLISES TÉCNICAS	1	519	563	851	590	321	21	0	2.866
PESQUISA E DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	1	56	116	136	146	135	4	0	594
PUBLICIDADE E PESQUISA DE MERCADO	3	253	285	301	148	49	1	0	1.040
OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS	1	271	253	232	153	557	73	0	1.540
ATIVIDADES VETERINÁRIAS	0	7	10	16	6	0	0	0	39
ALUGUÉIS NÃO-IMOBILIÁRIOS E GESTÃO DE ATIVOS INTANGÍVEIS NÃO-FINANCEIROS	10	1.228	1.437	2.075	1.306	691	38	0	6.785

SELEÇÃO, AGENCIAMENTO E LOCAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA	28	5.159	4.952	7.877	5.861	2.724	164	0	26.765
AGÊNCIAS DE VIAGENS, OPERADORES TURÍSTICOS E SERVIÇOS DE RESERVAS	1	245	313	383	192	79	2	0	1.215
ATIVIDADES DE VIGILÂNCIA, SEGURANÇA E INVESTIGAÇÃO	4	922	2.106	4.103	2.591	654	23	0	10.403
SERVIÇOS PARA EDIFÍCIOS E ATIVIDADES PAISAGÍSTICAS	30	3.479	4.404	9.688	8.112	4.173	241	0	30.127
SERVIÇOS DE ESCRITÓRIO, DE APOIO ADMINISTRATIVO E OUTROS SERVIÇOS PRESTADOS PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	60	8.925	5.143	5.005	2.751	1.205	71	0	23.160
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	17	4.823	12.776	32.490	41.580	56.265	9.416	1	157.368
EDUCAÇÃO	43	3.338	5.610	10.900	8.837	5.558	578	0	34.864
ATIVIDADES DE ATENÇÃO À SAÚDE HUMANA	49	2.079	3.469	7.176	4.913	2.524	158	0	20.368
ATIVIDADES DE ATENÇÃO À SAÚDE HUMANA INTEGRADAS COM ASSISTÊNCIA SOCIAL, PRESTADAS EM RESIDÊNCIAS COLETIVAS E PARTICULARES	0	48	91	175	109	74	1	0	498
SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL SEM ALOJAMENTO	47	146	247	462	350	178	7	0	1.437
ATIVIDADES ARTÍSTICAS, CRIATIVAS E DE ESPETÁCULOS	0	48	61	111	51	22	0	0	293
ATIVIDADES LIGADAS AO PATRIMÔNIO CULTURAL E AMBIENTAL	0	0	1	2	0	0	0	0	3
ATIVIDADES DE EXPLORAÇÃO DE JOGOS DE AZAR E APOSTAS	0	12	17	21	12	1	0	0	63

ATIVIDADES ESPORTIVAS E DE RECREAÇÃO E LAZER	20	578	575	663	405	244	26	0	2.511
ATIVIDADES DE ORGANIZAÇÕES ASSOCIATIVAS	324	4.741	5.268	7.372	5.129	2.737	224	0	25.795
REPARAÇÃO E MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA E COMUNICAÇÃO E DE OBJETOS PESSOAIS E DOMÉSTICOS	3	554	597	733	383	170	8	0	2.448
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS PESSOAIS	16	947	1.201	1.852	1.056	451	5	0	5.528
SERVIÇOS DOMÉSTICOS	0	3	12	26	21	4	0	0	66
ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS	0	0	2	1	1	0	0	0	4
Total	2.600	118.044	126.162	202.127	152.974	111.390	12.226	2	725.525

Fonte: RAIS/MT, elaboração própria